

**MARIA ISABEL CORREIA DIAS**

**O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO: PROBLEMAS TEÓRICOS E  
METODOLÓGICOS GERAIS**

**PORTO  
1994**



MARIA ISABEL CORREIA DIAS

O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO: PROBLEMAS TEÓRICOS E  
METODOLÓGICOS GERAIS

UNIVERSIDADE DO PORTO  
Faculdade de Letras  
BIBLIOTECA  
N.º 41263ab  
EX. 2  
Data 04 / 07 / 19 94

PORTO  
1994

3AP  
533 i  
2

UNIVERSIDADE DO PORTO  
FACULDADE DE LETRAS

**O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO: PROBLEMAS TEÓRICOS E  
METODOLÓGICOS GERAIS**

MARIA ISABEL CORREIA DIAS

Relatório apresentado para efeitos do disposto do n° 1 do Art° 58° do decreto-  
Lei n° 448/79 de 13 de Novembro

ABRIL  
1994

# ÍNDICE

Pág.

I - INTRODUÇÃO .....	1
II - OBJECTIVOS DA DISCIPLINA DE METODOLOGIA E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO .....	3
III - RELATÓRIO DA AULA PRÁTICA SOBRE O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO .....	5
1 - Introdução Teórica .....	5
2 - A Prática Sociológica do Inquérito por Questionário: breve perspectiva histórica e sua eleição como técnica fundamental .....	7
3 - As Fases do Inquérito por Questionário: problemas teóricos e metodológicos gerais .....	12
3.1. Introdução .....	12
3.2. A Concepção do Inquérito por Questionário: principais momentos e operações básicas .....	13
3.2.1. Planeamento do Inquérito .....	14
3.2.2. Preparação do Instrumento de Recolha de Dados: a construção do questionário .....	16
3.2.2.1. Principais Enviesamentos Decorrentes da Forma das Questões e das Respostas .....	20
3.2.3. O Trabalho no Terreno .....	25
3.2.4. A Análise dos Resultados .....	28
3.2.4.1. O Tratamento Informático do Inquérito por Questionário .....	30
3.2.4.2. A Análise dos Dados: principais operações e tipos de análises proporcionadas pelo trata- mento informático do questionário .....	33

3.2.5. Apresentação dos Resultados .....	40
4. A Estrutura da Aula Prática .....	41
4.1. Fase de Apresentação e Planificação .....	41
4.2. Fase de Execução e Administração das Questões.....	44
4.3. Fase de Análise e Discussão dos Resultados .....	45
BIBLIOGRAFIA .....	46
ANEXO I .....	49
ANEXO II .....	52
ANEXO III .....	58

## I - INTRODUÇÃO

A disciplina de Metodologia e Técnicas de Investigação é uma disciplina anual que faz parte do *curriculum* da Licenciatura de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Considerando-se o processo de aprendizagem/formação dos alunos, como um processo social global, no qual devem participar activamente professores, alunos, e todos os agentes educativos em geral, pretende-se com esta disciplina ministrar conhecimentos básicos de metodologia, entendida esta como a "análise sistemática e crítica dos pressupostos, princípios e procedimentos lógicos que moldam a investigação de determinados problemas sociológicos"<sup>1</sup>, e das principais técnicas de investigação ao dispôr do sociólogo, em Ciências Sociais. E, como análise crítica de todas as questões relacionadas com o processo de produção de conhecimentos sistematizados sobre a realidade social, a disciplina de Metodologia e Técnicas de Investigação deve, igualmente, proporcionar aos seus alunos, a possibilidade da prática e da aplicabilidade concreta de algumas das principais técnicas leccionadas, no âmbito do seu programa. Daí, a organização e funcionamento da disciplina permitir, aos alunos, a opção de realizarem um trabalho prático de pesquisa, de modo a poderem, no terreno, administrar os conhecimentos teórico-metodológicos e técnicos adquiridos.

Tendo noção da importância dos conhecimentos teórico-metodológicos e técnicos que devem ser ministrados nesta disciplina, e que servem de referente à reflexão sobre o processo de construção de conhecimentos sociológicos, entende-se também que, nesta disciplina, a aprendizagem da metodologia e das técnicas de investigação, deve ser acompanhada e ilustrada pelos aspectos e dificuldades concretas, ligadas à construção e prática dos diversos instrumentos de pesquisa leccionados. Pelo que, se considerou pertinente eleger, como objecto desta aula prática, o Inquérito por Questionário.

Como uma técnica largamente utilizada na pesquisa científica, o Inquérito por Questionário é aplicável a uma diversidade de objectos de investigação, e levanta problemas teóricos, metodológicos e técnicos muito

---

<sup>1</sup> Marinús Pires de Lima, *Inquérito Sociológico - Problemas de Metodologia*, Lisboa, Editorial Presença, 1981, p. 10.

diversificados. Ora, o grande objectivo desta aula é precisamente dar a conhecer, os aspectos e problemas específicos que a concepção, planeamento, administração e análise do Inquérito por Questionário coloca ao investigador, tentando ilustrar alguns deles através de um exercício prático. Trata-se aqui, de uma espécie de metodologia negativa, no sentido de se enumerar algumas das precauções a tomar, evitando-se, assim, certos erros susceptíveis de provocarem o enviesamento das questões e das respostas dos inquiridos. Por outro lado, a prática do Inquérito por Questionário, ao exigir o recurso a outras técnicas, permite-nos não só o estudo das suas diversas operações, mas também exige aos alunos um exercício constante de reflexão e equacionamento dos conhecimentos teórico-práticos entretanto adquiridos, a propósito das restantes técnicas de pesquisa.

Desta forma, os objectivos da disciplina prolongam-se para além de um conhecimento teórico-metodológico estrito, para englobar, também, a prática de concepção, construção e administração dos instrumentos técnicos de pesquisa. E, o Inquérito por Questionário, pela sua complexidade, e pelo recurso a uma diversidade de técnicas que exige para a sua realização e tratamento, surge-nos como tema privilegiado de estudo da aula prática a que se refere o presente relatório.

## II - OBJECTIVOS DA DISCIPLINA DE METODOLOGIA E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

Encarada como uma disciplina importante na formação de futuros sociólogos, esta disciplina tem como objectivos gerais:

a) o estudo e aprofundamento de algumas questões fundamentais de Epistemologia e Metodologia sociológicas, visando solidificar a reflexão sobre as Ciências Sociais, na óptica da construção/produção de conhecimento sociológico;

b) promover a capacidade de conceber, elaborar e executar programas de pesquisa empírica, recorrendo aos múltiplos instrumentos metodológicos e técnicos existentes nas Ciências Sociais;

c) promover a reflexão e análise crítica sobre as questões teóricas e metodológicas suscitadas pela prática de pesquisa empírica em geral, e pela construção e aplicabilidade das diversas técnicas de investigação em particular;

d) implicar os alunos no seu próprio processo de aprendizagem, através da sua participação activa na aula e da realização de trabalhos práticos de investigação;

Saliente-se que, tais objectivos gerais, serão enformados por uma constante reflexão e análise crítica à tradição positivista das Ciências Sociais, afirmando-se, sempre, a função de comando da teoria, em todas as operações implicadas na produção de conhecimentos sistematizados, sobre a realidade social. Tal postura, implica também a recusa de todos os efeitos de natureza técnico-metodológica associados à utilização do modelo empirista da prática científica, nomeadamente a autonomização do momento validação/verificação das hipóteses de pesquisa, a atomização/pulverização dos objectos de pesquisa, e sobretudo a denúncia da falsa neutralidade das técnicas de pesquisa.

A aula prática que, de seguida, vamos apresentar, para além de se situar no âmbito dos três últimos objectivos gerais, visa alcançar os seguintes objectivos específicos:

a) aquisição de conhecimentos fundamentais sobre a concepção, aplicação e análise de um Inquérito por Questionário;

b) noção dos principais problemas teóricos e metodológicos que a aplicabilidade e execução da técnica coloca ao investigador;

c) ilustração desses problemas e dificuldades por meio de situações e exemplos práticos, e sua resolução através da participação dos alunos;

d) estimular a reflexão e análise crítica acerca das virtualidades e limites da própria técnica do Inquérito por Questionário.

### III - RELATÓRIO DA AULA PRÁTICA SOBRE O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

#### 1 - INTRODUÇÃO TEÓRICA

O Inquérito por Questionário é uma técnica de investigação que, através de um conjunto de perguntas, visa suscitar uma série de discursos individuais, interpretá-los e depois generalizá-los a conjuntos mais vastos. Trata-se de uma técnica de observação não participante, uma vez que não exige a integração do investigador no meio, no grupo ou nos processos sociais estudados. Sendo constituído por uma série de perguntas, mas também podendo integrar outros instrumentos, como por exemplo, testes e escalas de atitudes e opiniões que visam aferir um certo tipo de comportamentos-reacções, e avaliar a intensidade com que se dá determinada opinião ou atitude, as respostas assim obtidas vão constituir o material, sobre o qual o investigador vai produzir interpretações e chegar a generalizações.

Sendo uma técnica que se situa no âmbito do método de medida ou de análise extensiva, o inquérito por questionário permite o estudo de populações vastas colocadas em situações sociais concretas, possibilitando a generalização dos resultados alcançados, quando associado a um método de amostragem. Extensão, estandardização do instrumento de recolha dos dados, possibilidade de comparação dos resultados e sua generalização<sup>2</sup> revelam-se, assim, como as principais virtualidades do inquérito por questionário. No entanto, ao ganhar-se em extensividade perde-se em intensividade e, deste modo, uma das suas virtualidades pode transformar-se numa das suas limitações. Aliás, as suas principais limitações serão progressivamente expostas, à medida que apresentamos os seus diversos momentos de concepção e execução.

Por agora, interessa-nos ainda afirmar que, o inquérito por questionário, e tendo presente as suas limitações, continua a revelar-se como uma técnica extremamente útil no estudo de uma diversidade de situações e comportamentos. Comportamentos que, ora por terem ocorrido no passado, ora porque a sua observação directa exigiria muito tempo, ou ainda porque

---

<sup>2</sup> Cf. Marinús Pires de Lima, *O. c.*, pp. 16 - 17.

deontologicamente seria incorrecta, uma vez que os mesmos poderiam dizer respeito à intimidade e privacidade dos indivíduos, são mais facilmente apreendidos através das suas respostas. Por outro lado, através da linguagem, e mais precisamente das suas respostas a um conjunto de questões, os indivíduos não só atribuem significado aos fenómenos estudados, como nos dão a conhecer as suas motivações, atitudes, opiniões, sistema de representações, etc.; isto é, torna-se possível a captação de dimensões subjectivas que escapam à observação directa<sup>3</sup>.

Finalmente, através do inquérito por questionário, temos acesso a informação actual e actualizada, ou seja, esta técnica de pesquisa permite-nos estudar um fenómeno tal como ele ocorre e é socialmente construído e representado num determinado momento. Também ao colocarmos um elevado número de questões, podemos obter informações mais ricas sobre os indivíduos e estabelecer relações entre eles. Convém ainda não esquecer que o grande objectivo subjacente ao accionamento do inquérito por questionário, e a todas as técnicas de investigação em geral, reside na necessidade de verificação (ou não) das hipóteses teóricas orientadoras de toda a pesquisa. Com efeito, esta técnica possui uma função importante de administração da prova; daí, a importância das análises comparativas, e do estabelecimento de relações entre variáveis que permite.

---

<sup>3</sup> Cf. Rodolphe Ghiglione, Benjamin Matalon, *O Inquérito - Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1992, pp. 13 - 14.

## 2 - A PRÁTICA SOCIOLÓGICA DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO: BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA E SUA ELEIÇÃO COMO TÉCNICA FUNDAMENTAL

O inquérito é uma das técnicas mais largamente utilizadas em Ciências Sociais; no entanto ele não data dos nossos dias. Já no fim do século XVIII e início do século XIX, os inquéritos administrados às classes operárias das cidades industriais da Europa Ocidental, conheceram grande expansão, de tal modo que se chegou mesmo a falar duma verdadeira "ciência dos pobres" (pauperologia). Só que, a sua origem não estava associada à necessidade de aumento dos conhecimentos científicos mas, sobretudo, ao desejo de manutenção da ordem social. Os Governos, as diversas instituições, através dos resultados dos inquéritos, obtinham informações sobre as condições de vida e o estado moral dos trabalhadores e suas famílias, o que lhes permitia tomarem medidas de controlo e combate à marginalidade, à delinquência, e aplicarem reformas sociais e económicas<sup>4</sup>. Mas, mesmo antes destes Inquéritos Sociais, o Estado começou a utilizar os inquéritos como instrumentos de administração, sob a forma de Censos da População, cujo grande objectivo era o controlo político. Deste modo, os inquéritos tiveram uma origem exógena à própria pesquisa sociológica. Servindo inicialmente objectivos políticos e de controlo social, só tardiamente começaram a ser utilizados como instrumentos essenciais na produção de conhecimentos científicos sobre a realidade social.

A partir dos anos 30, o contexto de grave crise económica e social que afectavam as sociedades, colocando novos problemas e exigindo respostas imediatas que a morosidade das metodologias qualitativas não podiam dar, fizeram com que a Escola de Chicago (após uma fase inicial voltada para as abordagens etnográficas), e a Sociologia Americana em geral se voltassem para os inquéritos quantitativos. Os inquéritos revelavam-se, assim, como instrumentos aplicáveis a objectos facilmente mensuráveis, e a economia de meios e tempo que permitiam, elegeram-no como técnica fundamental da pesquisa sociológica. Estatuto que os problemas suscitados pela II Guerra Mundial veio solidificar, tornando a sua utilização ainda mais intensa. No entanto, após a II Guerra, a sua prática dificilmente passou a estar

---

<sup>4</sup> Cf. Claude Javeau, *L'Enquête par Questionnaire - Manuel à l'usage du praticien*, Paris, Les Éditions d'Organisation, 3e. édition, 1988, pp. 15 - 17; Gérard Leclerc, *L'Observation de L'Homme - Une histoire des enquêtes sociales*, Paris, Éditions du Seuil, 1979, pp. 51 - 67.

dissociada, ora de objectivos de controlo social e político, ora das necessidades de administração do *Welfare State*, ora da manipulação de opiniões e comportamentos. E, nesta área, a tradição americana foi dominante, contribuindo, por exemplo, para a proliferação das sondagens de opinião, sobre problemas políticos<sup>5</sup>. Assim, a prática sociológica do inquérito ocorreu primeiramente nos Estados Unidos da América e não conseguiu alhear-se, totalmente, da tutela do Estado.

Nos anos 60 e 70, a proliferação do inquérito, enquanto técnica por excelência que espelhava a racionalidade das sociedades industrializadas e das próprias ciências, foi acompanhada pelo desenvolvimento e aplicação de instrumentos estatísticos e informáticos cada vez mais sofisticados, proporcionando aos seus utilizadores meios suplementares de tratamento e análise dos dados. Esta emergência do inquérito, como técnica fundamental, parece ter tido o efeito de, perante um determinado problema ou fenómeno social bem delimitado, despoletar uma reacção muito frequente por parte dos investigadores, daqui, a vulgarização da expressão "vamos fazer um inquérito". Esta atitude, fortemente associada à mítica do inquérito, consagrada pela prática empirista da pesquisa científica, considerava-a como a técnica que mais fielmente espelhava a realidade social. E, isto revela não só a forma como a sua utilização originária (muito associada ao Estado e a interesses de administração, e de controlo político), e posterior generalização a diversos domínios da vida social, influenciou largamente a estrutura das representações profissionais dos investigadores, dos sociólogos em particular, mas também das populações que dificilmente dissociavam, e de certa forma continuam a não dissociar o inquérito, de objectivos de controlo social. Por outro lado, o inquérito se inicialmente teve uma génese exterior à própria prática sociológica, hoje, a sua utilização extravasa, de novo, os domínios da actividade científica, assistindo-se mesmo à sua aplicação desmedida em áreas como as sondagens de opinião (de que as sondagens eleitorais são um exemplo), os estudos de mercado, e a tudo aquilo que é designado por "marketing económico e social"<sup>6</sup>. Isto significa que, hoje, o uso do inquérito por questionário, voltou a responder a outros objectivos que não apenas os decorrentes da teoria social; o que, em parte, também advém da necessidade de mobilizar recursos materiais e financeiros que excedem as possibilidades dos cientistas.

---

<sup>5</sup> Cf. Virgínia Ferreira, "O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos", in *Metodologia das Ciências Sociais*, Augusto Santos Silva, José Madureira Pinto (orgs.), Porto, Edições Afrontamento, 1986, pp. 166 - 167; Claude Javeau, *O. c.*, p. 16.

<sup>6</sup> Cf. Claude Javeau, *O. c.*, p. 15.

Para ilustrar a importância do inquérito por questionário, enquanto metodologia que continua a ser muito utilizada na pesquisa sociológica dos nossos dias, decidimos verificar qual o número de comunicações que a ele recorreram, e que foram apresentadas no II Congresso Português de Sociologia, realizado em Lisboa nos dias 5, 6, e 7 de Fevereiro de 1992, organizado pela Associação Portuguesa de Sociologia.

### QUADRO Nº 1 - COMUNICAÇÕES APRESENTADAS NO II CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA QUE RECORRERAM AO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Comunicações por Grupos de Trabalho			Comunicações que recorreram ao inquérito por questionário	
Grupos de trabalho	n	%	n	%
Grupo I	7	6,0	2	5,9
Grupo II	25	21,6	8	23,5
Grupo III	6	5,2	3	8,8
Grupo IV	16	13,4	6	17,6
Grupo V	12	10,3	0	0,0
Grupo VI	27	23,3	10	29,4
Grupo VII	12	10,3	3	8,8
Grupo VIII	11	9,5	2	5,9
TOTAL	116	100,0	34	100,0

**LEGENDA:**

Grupo de Trabalho I - Internacionalização das Trocas, Mediatização da Sociedade, Novas Formas Discursivas

Grupo de Trabalho II - Educação e Trabalho: Contradições e Alternativas Organizacionais

Grupo de Trabalho III - Estado e Sociedade: Instituições, Políticas e Práticas

Grupo de Trabalho IV - Recomposição Sócio-Espacial e Dinâmicas Regionais e Locais

Grupo de Trabalho V - A Dinâmica dos Saberes: Ciência, Tecnologia e Outras Formas Culturais

Grupo de Trabalho VI - Mudança Social: Novos Valores, Modos de Vida, Identidades

Grupo de Trabalho VII - Teorias, Metodologias, Epistemologias

Grupo de Trabalho VIII - Políticas, Cidadania e Exclusão Social

Com o Quadro N° 1 (ver Anexo I), pretendemos mostrar o número de comunicações apresentadas no II Congresso Português de Sociologia, que recorreram, directamente, ao inquérito por questionário, ou que se apoiaram em dados obtidos através de outros inquéritos, realizados noutros contextos de pesquisa. Para tal, recorreremos às Actas do referido congresso, onde se encontram publicadas todas as comunicações apresentadas<sup>7</sup>. Neste sentido, verificou-se que, de um total de 116 comunicações apresentadas (saliente-se que neste total, não estão incluídas as seis comunicações apresentadas no âmbito das sessões plenárias, devido à ausência de referências a qualquer tipo de metodologia, bem como à sua própria natureza), 29,3% recorreram ao inquérito por questionário. Sem ser um valor muito elevado, no entanto, não deixa de ser revelador da importância deste tipo de metodologia (análise extensiva). Ou seja, trata-se de um valor que ilustra o peso significativo do inquérito por questionário, enquanto técnica de recolha e análise dos dados que continua a ser largamente accionada nos nossos dias, com vista à produção de conhecimentos sistematizados sobre a realidade social. O facto de cerca de 30 % das comunicações apresentadas no referido Congresso a ele terem recorrido, vem corroborar esta nossa afirmação.

Por outro lado, se tivermos em conta a percentagem de utilização do inquérito por questionário, por grupos de trabalho, verifica-se que o Grupo VI - Mudança Social: Novos Valores, Modos de Vida, Identidades, surge em primeiro lugar com 29,4 %; o Grupo II - Educação e Trabalho: Contradições e Alternativas Organizacionais, em segundo com 23,5 %; e o Grupo IV - Recomposição Sócio-Espacial e Dinâmicas Regionais e Locais, em terceiro lugar com 17,6 %. Tudo isto demonstra que, apesar da utilização do inquérito ter extravasado o domínio da investigação científica, não obstante ele continua a ser uma técnica muito importante no âmbito da pesquisa sociológica, propriamente dita.

A juventude constitui um outro exemplo de um objecto de investigação, que tem sido um domínio privilegiado de aplicação da metodologia do inquérito por questionário. Podemos, mesmo, afirmar que a juventude é um exemplo de um objecto de pesquisa, construído a partir do inquérito. Com efeito, a partir da década de 80, a juventude tornou-se não só no alvo das atenções dos políticos (o que teve tradução directa na criação de medidas político-administrativas), mas também dos cientistas, em particular

---

<sup>7</sup> Ver *Estruturas Sociais e Desenvolvimento, Actas do II Congresso Português de Sociologia*, vol. I e II, Associação Portuguesa de Sociologia, Lisboa, Editorial Fragmentos, 1993.

dos sociólogos. E, tal como nos diz José Machado Pais, "nunca, como durante a última década, a juventude havia sido tão questionada, tão debatida, tão sondada"<sup>8</sup>; o que tem contribuído decisivamente para o conhecimento, mas também para a construção social da condição da juventude portuguesa. Deste modo, passamos a apresentar os inquéritos realizados na década de 80 sobre a juventude (ver Anexo I):

- *Inquérito Nacional à Juventude*, realizado pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ), em 1982 (INQ. FAOJ);

- *Inquérito "Valores e Atitudes dos Jovens"*, realizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), em 1983 (INQ. IED);

- *Inquérito "A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações"*, realizado em 1986-1987 pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) (INQ. ICS), com o apoio do Instituto da Juventude;

- *Inquérito do "Observatório Permanente sobre os Estudantes Universitários" (OPEU)*, iniciado em 1985 no quadro do ICS e do CIES/ISCTE (INQ. OPEU);

- *Inquérito a Jovens Universitários Sobre "Conflito de Gerações, Conflito de Valores"*, realizado em 1986, patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian e da responsabilidade de Eurico de Figueiredo<sup>9</sup>.

Estes inquéritos ilustram, não só a importância deste tipo de metodologia na análise da condição social da juventude portuguesa, como são sintomáticos da crescente valorização científica, social e política da juventude. Mas, mais do que entrar na problemática da condição social da juventude, com a apresentação sumária de todos os inquéritos que sobre ela foram feitos durante os anos 80, pretendemos corroborar o que acima afirmámos sobre este tipo de metodologia; ou seja, apesar das suas limitações, o inquérito por questionário continua, nos nossos dias, a ser um instrumento de recolha e análise da informação muito utilizado, no âmbito da pesquisa sociológica.

---

<sup>8</sup> José Machado Pais, "Valores dos Jovens Portugueses nos Anos 80", in *Estudos de Juventude*, Nº 3, Cadernos do Instituto de Ciências Sociais, Fevereiro de 1993, p. 3.

<sup>9</sup> Sobre todos os inquéritos citados ver Paulo Antunes Ferreira, "Valores dos Jovens Portugueses nos Anos 80" in *Estudos de Juventude*, Nº 3, Cadernos do Instituto de Ciências Sociais, Fevereiro de 1993, pp. 11 - 15.

### 3 - AS FASES DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO: PROBLEMAS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS GERAIS

#### 3.1. - INTRODUÇÃO

O grande objectivo, deste terceiro ponto da nossa aula, é dar a conhecer os diversos momentos e operações que o planeamento, concepção, construção e execução de um inquérito por questionário implica, e suscitar uma análise e avaliação crítica dos principais problemas teóricos e metodológicos que a sua prática levanta. O termo "fases" é, apenas, utilizado por uma questão de comodidade analítica, na medida em que os seus diversos momentos não são estanques, havendo entre eles uma constante inter-relação. Ou seja, com aquela designação não se pretende dar uma sequência linear às diversas operações que a prática do inquérito exige, antes uma sequência lógica. E, neste domínio, subscrevemos a afirmação de R. Ghiglione e B. Matalon de que "é o tipo de análise previsto que orienta a escolha do método de inquérito e guia a concepção do questionário"<sup>10</sup>.

Por outro lado, com o estudo das diversas operações, ligadas à concepção do inquérito, pretende-se, igualmente, abordar algumas questões que continuam a colocar ao inquérito por questionário grandes problemas de validade e fidedignidade dos dados. Dois desses problemas, nomeadamente a questão do significado que tem a ver com os processos de atribuição de sentido por parte do inquirido mesmo às perguntas mais elementares, o que leva à produção de enviesamentos e deformações das suas respostas, e as dificuldades suscitadas pela forma das perguntas e das respostas, serão alvo de uma atenção particular no presente relatório. Aliás, este último aspecto estará na base do exercício prático proposto na aula.

Finalmente, um outro sentido implícito a esta aula é o de uma análise crítica do inquérito por questionário e, não tanto, a exaltação das suas virtualidades, pois estas foram demonstradas ao longo de décadas. A sua prática tem-nos revelado limitações importantes, e nesta aula apenas temos a modesta pretensão de abarcar alguns dos núcleos que nos parecem por demais pertinentes.

---

<sup>10</sup> Rodolphe Ghiglione, Benjamin Matalon, *O. c.*, p. 20.

### 3.2. - A CONCEPÇÃO DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO: PRINCIPAIS MOMENTOS E OPERAÇÕES BÁSICAS

Neste domínio, parece, que cada investigador, adopta um guia de concepção do questionário em função do tipo de análise previsto, não devendo, por isso, seguir etapas rigorosamente definidas nos manuais de metodologia. No entanto, e um pouco por comodidade analítica, alguns investigadores são levados a definir etapas, nas quais identificam e precisam as operações básicas a executar, com vista à construção de um inquérito por questionário. Assim, se para alguns investigadores a construção de um inquérito deve obedecer a cinco etapas<sup>11</sup>, para outros deve respeitar quinze<sup>12</sup>, e para outros deve ainda responder a três questões fundamentais, nomeadamente: "Quem inquirir?"; "Perguntar o quê?" e "Como inquirir?"<sup>13</sup>.

Parece-nos que, acima de tudo, não existem grandes incompatibilidades entre estas diversas formas de abordagem, pois nenhuma omite as operações essenciais que a concepção do inquérito por questionário exige; apenas constituem formas analíticas distintas, salientando todas que, entre as diversas operações de um questionário, não deve existir uma sequência linear, cronológica, mas lógica. Daí, termos optado, para esta aula prática, por uma forma de exposição dos seus diversos momentos que tentou combinar simultaneamente as várias sugestões implícitas nestas diversas formas de abordagem e estudo do inquérito por questionário. No entanto, importa frisar que, a terminologia adoptada, é fundamentalmente inspirada na proposta de Marinús Pires de Lima<sup>14</sup> na obra "*Inquérito Sociológico - Problemas de Metodologia*".

---

<sup>11</sup> Marinús Pires de Lima, *O. c.*, pp. 38 - 39.

<sup>12</sup> Claude Javeau, *O. c.*, pp. 30 - 31.

<sup>13</sup> Cf. Rodolphe Ghiglione, Benjamin Matalon, *O. c.*, pp. 25 - 160; Virgínia Ferreira, *O. c.*, pp. 163 - 186.

<sup>14</sup> Cf. Marinús Pires de Lima, *O. c.*, pp. 38 e segs.

### 3.2.1. PLANEAMENTO DO INQUÉRITO

Definido o problema a investigar e as hipóteses substantivas orientadoras da pesquisa, o investigador deve, no âmbito deste grande momento, definir o objecto e objectivos do inquérito, traduzir os conceitos teóricos em variáveis ou indicadores, capazes de mais directamente que os primeiros permitirem a medida, definir os meios materiais e humanos ao seu dispôr (pessoal auxiliar, dinheiro, tempo, recursos materiais, etc.), ponderar sobre as virtualidades e limitações do inquérito, e sobre a sua validade para produzir a informação pretendida.

Mas, é também neste momento que se deve definir a população a estudar, isto é, a população a inquirir, o que nos reenvia para as diferentes técnicas de amostragem, entretanto já leccionadas no âmbito do programa da disciplina. Como técnica que nos permite o estudo de populações extensas, o inquérito por questionário pode exigir o recurso a diversos procedimentos de amostragem, com vista a assegurar a representatividade dos resultados obtidos. Ou seja, perante a dificuldade em termos do custo e do tempo necessário para se abarcar toda a população ou universo estudado, a prática do inquérito exige, geralmente, a construção de uma sua amostra representativa, de modo a que os resultados obtidos possam ser generalizados à população total. E, para que uma amostra seja efectivamente representativa, deve assegurar a todos os elementos da população, a mesma probabilidade de virem a ser representados na amostra. Está-se aqui, no domínio das técnicas de amostragem probabilística. As mais utilizadas pelo inquérito sociológico são as amostras estratificadas (as quais permitem, a partir de certas características consideradas, a decomposição da população em estratos mais ou menos homogêneos, obtendo-se assim uma representatividade suficiente para cada estrato), as amostras por cachos, de que a sondagem areolar é um caso particular (aqui a amostra não é constituída por unidades individuais mas por cachos, por conjuntos de unidades vizinhas), e a amostragem com vários graus (em que se utiliza, sucessivamente, vários procedimentos de amostragem diferentes)<sup>15</sup>. A amostra simples ou elementar, é cada vez menos utilizada como procedimento único para se construir uma amostra, na medida em que segundo Virgínia Ferreira, "fornece uma visão muito atomística e

---

<sup>15</sup> Cf. João Ferreira de Almeida; José Madureira Pinto, *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, pp. 105 - 113; e Sierra Bravo, *Técnicas de Investigación Social - Teoría e Ejercicios*, Madrid, Editora Paraninfo, 1985, pp. 128 - 153.

fragmentária da população abrangida"<sup>16</sup>. O seu accionamento faz-se como procedimento complementar a outras técnicas de amostragem (como por exemplo, as amostras estratificadas e com vários graus), ou quando existem boas bases de sondagem sobre a população a estudar.

Mas, nem sempre é possível a aplicação dos métodos aleatórios para a selecção dos indivíduos a inquirir. Com efeito, a ausência de listas exaustivas sobre a população estudada, bem como dificuldades associadas à própria aplicabilidade das técnicas de amostragem probabilística, levam o investigador a optar por procedimentos não-probabilísticos, o que não garante que todos os elementos da população tenham idêntica probabilidade de virem a serem representados na amostra. Neste domínio, a técnica de amostragem mais utilizada pelos inquéritos sociológicos, são as amostras por quotas. Estas, apesar de serem não aleatórias, pretendem alcançar um objectivo idêntico à amostragem probabilística, ou seja, constituir uma amostra que seja um modelo reduzido da população. E, para isto, tenta-se reproduzir na amostra, a distribuição de certas variáveis importantes, tal como existem na população<sup>17</sup>. Assim, para cada entrevistador é estabelecida uma quota, indicando-se o número de indivíduos a inquirir, o que evita, igualmente, qualquer tentação de o entrevistador inquirir preferencialmente indivíduos da sua rede de relações. Para se assegurar uma melhor representatividade neste tipo de amostra, deve-se também combiná-la com um método aleatório, como por exemplo, a sondagem areolar que nos permite seleccionar aleatoriamente certas zonas para onde serão enviados os entrevistadores.

A amostragem por quotas, é um método muito utilizado nos inquéritos sociológicos. Porém, apenas constitui uma alternativa possível entre outros procedimentos. Comum, a todos eles, é o princípio de que a selecção de qualquer técnica de amostragem, deve obedecer às hipóteses teóricas de partida e aos objectivos do inquérito. Só assim, poderemos ter a certeza de que efectivamente se está a inquirir a população certa.

A selecção da população a inquirir, e portanto a construção da amostra, é um momento crucial na pesquisa. Da composição da amostra, do maior ou menor rigor empregue na sua construção, dependerá em parte a qualidade dos resultados obtidos através do inquérito. Mas, existem dificuldades que provocam certos enviesamentos na amostragem, obrigando o investigador a encarar os resultados com algumas precauções. Enviesamentos que, ora estão

---

<sup>16</sup> Virgínia Ferreira, *O. c.*, p. 185.

<sup>17</sup> Cf. João Ferreira de Almeida; José Madureira Pinto, *O. c.*, pp. 110.

ligados à insuficiência de uma base de sondagem sobre toda a população, ora ao desfasamento entre a amostra inicial e amostra efectivamente conseguida. E, este desfasamento, advém quer das recusas à situação do inquérito, quer das ausências dos indivíduos seleccionados. No entanto, se estas forem em pequena percentagem os resultados não perderão a sua validade. Evitar os enviesamentos e assegurar a representatividade da amostra, são dois requisitos essenciais que se colocam ao investigador, quando da construção de um inquérito por questionário. Saliente-se, ainda, que esta breve apresentação das técnicas de amostragem, mais frequentemente utilizadas pelos investigadores para a selecção da população a inquirir, apenas tem como objectivo promover uma revisão dos conhecimentos entretanto adquiridos sobre esta matéria, uma vez que o seu estudo aprofundado foi realizado em momento precedente (ver programa da disciplina de Metodologia e Técnicas de Investigação - Anexo III).

### **3.2.2. PREPARAÇÃO DO INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS: A CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO**

É chegado o momento de se definir as questões fundamentais a incluir no inquérito por questionário, ou seja, de definir o que perguntar. A formulação das questões constitui um momento crucial do próprio inquérito, sendo que qualquer erro ou enviesamento introduzido nesta fase, tem consequências negativas sobre todo o seu desenvolvimento ulterior. Trata-se de redigir um projecto de questionário, e portanto, ao investigador são colocados problemas relativos à formulação e redacção das questões, à ordem com que serão colocadas, à pré-codificação, mas também à forma das respostas.

É nesta altura que o problema da articulação entre teoria e pesquisa empírica, bem como os problemas lógicos decorrentes das relações entre variáveis, se fazem sentir com maior acuidade. Com efeito, é nesta fase, e à medida que o investigador vai formulando as questões, e definindo as variáveis a incluir no questionário, bem como a forma das respostas, que o problema da validade da medida se volta a levantar. Ou seja, ao investigador coloca-se a questão: até que ponto, com as variáveis seleccionadas e as

questões formuladas, se estará, de facto, a medir o que se pretende medir? Trata-se aqui, não só da questão da adequação das variáveis aos conceitos que se pretendem medir empiricamente, mas também da própria adequação conjunto de indicadores/técnica de observação e medida utilizada. Ora, quando a construção do questionário, é acompanhada por estas reflexões, todo o planeamento da pesquisa sai beneficiado, por ser possível maximizar as complementariedades teóricas e técnico-metodológicas em causa; ou seja, é possível uma reflexão alargada sobre a articulação das dimensões teóricas em causa, com o conjunto de indicadores seleccionados e características do procedimento técnico de observação e medida accionado<sup>18</sup>. E, o inquérito por questionário não dispensa tal reflexão; aliás, esta é uma condição indispensável à própria validade dos resultados obtidos.

Por outro lado, a definição das perguntas a incluir num questionário, deve permitir não só a demonstração das hipóteses teóricas de partida, mas também a realização dos objectivos gerais do inquérito. E, portanto, a sua inclusão no inquérito deve depender, da sua capacidade em proporcionar informação necessária e pertinente para os objectivos da pesquisa.

Mas, estas questões são de diferentes tipos em função do seu conteúdo, e da sua forma. Assim, tendo em conta o seu conteúdo, elas podem incidir sobre factos (possíveis de serem conhecidos de outra forma que não somente o inquérito por questionário), ou sobre opiniões, atitudes, motivações, preferências, etc. Trata-se aqui das questões de opinião, as quais incidem sobre dimensões dificilmente acessíveis à observação directa. Quanto à sua forma, elas podem ser fechadas, abertas, ou semi-abertas ou semi-fechadas (de cafeteria)<sup>19</sup>.

No caso das questões fechadas, o conjunto de respostas possíveis está definido à partida, devendo o inquirido escolher aquela que lhe parece a mais adequada. Trata-se do tipo mais simples de questões, na medida em que o inquirido apenas tem de escolher a sua resposta numa lista pré-definida. Geralmente, este tipo de questões incide sobre aspectos factuais, sendo também utilizadas para aferir a aprovação ou desaprovação sobre uma determinada situação, acontecimentos, etc. A lista de respostas possíveis a apresentar ao inquirido poderá ser longa, ou reduzir-se à simples alternativa

---

<sup>18</sup> Cf. José Madureira Pinto, "Questões de Metodologia Sociológica (I)", in *Cadernos de Ciências Sociais*, nº1, Porto, Edições Afrontamento, pp. 16 - 35.

<sup>19</sup> Sobre a forma das questões ver por exemplo, Salvador Juan, "L' ouvert et le fermé dans la pratique du questionnaire - Analyse comparative et spécificités de l' enquête par correspondance", in *Revue Française de Sociologie*, XXVII-2, Paris, Editions du CNRS, Avril-Juin 1986, pp. 301 - 315.

Sim/Não. Em todo o caso, é aconselhável que se incluam nesta lista as rubricas "Não Sei" e "Outras Respostas", e ainda que se considere a possibilidade de "Recusa Responder"(ou "Não Responde"). Não obstante, estas rubricas suplementares devem ser utilizadas com algumas precauções, na medida em que o inquirido pode utilizá-las, como forma de iludir ou escapar a toda a questão que o possa comprometer em demasia<sup>20</sup>.

Este tipo de questões permitem um tratamento e análise estatística mais fácil, não exigindo também qualquer tipo de análise intermédia, uma vez que as respostas possíveis, sendo previamente previstas, em princípio estão isentas de qualquer tipo de ambiguidade. Também não permitem a expressão de qualquer nuance, dado o inquirido apenas fornecer uma resposta que foi definida *a priori* e, é neste sentido, que se consideram as questões fechadas como questões de certo modo manipuladoras. Para além de serem questões que se compreendem bem, são igualmente de fácil resposta (na maior parte dos casos basta traçar uma cruz no quadrado correspondente), bem como garantem o anonimato. Finalmente, as questões fechadas podem servir de questões - filtro, ou seja, de discriminantes, servindo para repartir os inquiridos por várias séries de respostas ulteriores<sup>21</sup>. O seu campo de aplicação limita-se desta forma, à recolha de características objectivas, não permitindo por isso obter informações correspondentes a atitudes e sistemas de representações mais profundos.

As questões abertas permitem ao inquirido responder livremente, uma vez que as respostas possíveis não estão previstas. No questionário é reservado um espaço suficiente, para que esta resposta possa ser integralmente registada (neste caso a única limitação advém do espaço que é destinado ao registo da resposta, o qual se for muito reduzido acaba por ser um pouco inibidor da qualidade da mesma). Este tipo de questões, permitem-nos recolher informação sobre qualquer objecto de investigação, bem como se revelam adequadas para o estudo quer de problemas delicados, quer das opiniões, atitudes, sistemas de representações, motivações, ou seja, de dimensões que tocam o foro da subjectividade de cada indivíduo. Mas, são também as questões abertas as que levantam maiores dificuldades no seu tratamento, uma vez que não estando previstas as categorias de respostas possíveis, a sua codificação só é possível *a posteriori*, tendo pois, que ser

---

<sup>20</sup> Cf. Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon, *O. c.*, pp. 115 - 116; e Virgínia Ferreira, *O. c.*, pp. 183 - 184.

<sup>21</sup> Cf. Claude Javeau, *O. c.*, pp. 57 - 58.

submetidas a uma análise de conteúdo. Daí que, do ponto de vista da análise da informação obtida, as questões fechadas sejam *a priori* mais cómodas.

Independentemente destas considerações, qualquer inquérito por questionário deve conter, em proporção variável, estes dois tipos de questões. Ou seja, se um questionário totalmente composto por questões fechadas, corre o risco de se tornar fastidioso, e de dar a impressão aos inquiridos de que apenas estamos interessados em respostas breves e curtas, não os deixando exprimir livremente, por outro lado, um questionário composto na sua maior parte por questões abertas, para além de revelar que o investigador não conseguiu elaborar uma lista de respostas a propôr aos inquiridos (em parte por insuficiências ao nível do pré-teste do questionário, ou mesmo devido à ausência deste), pode tornar o inquérito muito longo e demasiado cansativo para o inquirido (mas também para o entrevistador que tem que registar integralmente todas as respostas, no caso de o inquérito ser de administração indirecta). Posto isto, será recomendável utilizar questões abertas e fechadas em número suficiente e segundo uma ordem adequada.

Nas questões semi-abertas, semi-fechadas ou de cafeteria, apesar de as principais categorias de respostas possíveis estarem já definidas e previstas (tal como numa questão fechada), deixa-se sempre a possibilidade ao inquirido de dar respostas livres, para além do inventário proposto (tal como numa questão aberta). São por isso designadas por questões de cafeteria<sup>22</sup>. Estas questões, possuem a vantagem de facilitarem o seu tratamento, uma vez que um bom número de respostas estão já previstas. Podem, no entanto, suggestionar ou influenciar o inquirido no sentido deste adoptar a resposta que lhe parece mais conveniente ou mais habitual.

---

<sup>22</sup> *Idem*, p. 60.

### 3.2.2.1. PRINCIPAIS ENVIESAMENTOS DECORRENTES DA FORMA DAS QUESTÕES E DAS RESPOSTAS

Apresentados os diversos tipos de questões que podem ser utilizadas num inquérito por questionário, é chegado o momento de tecermos algumas considerações, a propósito das principais dificuldades que aquelas suscitam, bem como os principais enviesamentos de que são alvo. O modo como as questões são formuladas afecta o tipo de respostas, sobretudo no caso dos inquiridos mais facilmente susceptíveis de serem influenciados. Com efeito, a questão semântica é primordial no inquérito por questionário, e levanta inúmeras dificuldades, ligadas à possibilidade de interpretações múltiplas de uma mesma questão. Tal como nos diz Virgínia Ferreira, "cada pergunta contém vários sentidos semânticos, suscita graus de interesse diferenciados..."<sup>23</sup>; daí, que a questão da atribuição de sentido, por parte dos diversos inquiridos, e por isso susceptível de provocar enviesamentos nas suas respostas, deva ser objecto de precauções especiais por parte do investigador. E, neste caso, devemos-nos preocupar, essencialmente, com o sentido que incide sobre as questões, o que nos remete, segundo Maria Cidália Queirós, para os processos de interacção que se geram entre "nomenclatura, que pode impôr lógicas exteriores e inadequadas às características dos objectos e, indivíduos que utilizando princípios de classificação próprios podem modificar a significação objectiva da nomenclatura"<sup>24</sup>.

Deste modo, as perguntas de um questionário e respectivas respostas, resultam de um contexto particular de interacção entre entrevistador e inquirido, e exigem o accionamento de vários esquemas de classificação que têm efeitos importantes no produto final <sup>25</sup>. Ou seja, são vários os processos de classificação que interferem no questionário e que estão presentes praticamente em todos os seus momentos, nomeadamente no da formulação das questões, no da sua aplicação e registo das respostas, e mesmo na fase do tratamento e análise dos dados. Ora, para que os objectivos que pretendemos com uma determinada pergunta sejam alcançados, devemos ter em conta não

<sup>23</sup> Virgínia Ferreira, *O. c.*, p. 184.

<sup>24</sup> Maria Cidália Queirós, "O problema da medida em Ciências Sociais. Considerações sobre a construção de nomenclaturas sócio-económicas", in *Cadernos de Ciências Sociais*, Nº 10/11, Porto, Edições Afrontamento, 1991, p. 84.

<sup>25</sup> *Idem*, p. 85.

só os contextos de interacção específicos em que participam entrevistador/inquirido, bem como as representações e processos de categorização accionados em todos os momentos da pesquisa (sobretudo no momento da definição das perguntas e da forma das respostas, no da sua administração, e no da codificação e análise dos dados).

Sendo a questão da atribuição de sentido, um problema para o qual muito provavelmente não se encontrará resposta definitiva, na medida em que é extremamente difícil controlar, completamente, os diversos sistemas de categorização desencadeados pela prática do inquérito por questionário, um dos objectivos desta aula, consiste precisamente em dar conta de algumas situações em que tal possa mais facilmente ocorrer dando-se, ao mesmo tempo, alguns conselhos práticos no sentido de minimizar os seus efeitos.

Este problema da atribuição de sentido ocorre mesmo nas questões mais simples, ligadas quer às características pessoais do inquirido, como por exemplo, o sexo, a idade, o estado civil, nível de instrução, local de residência, naturalidade, rendimento, profissão, etc., quer à identificação de pessoas ligadas ao inquirido, como por exemplo, profissão e situação na profissão dos pais, nível de instrução dos pais, filhos e cônjuge, etc. Trata-se aqui, de características objectivas proporcionadas pelo accionamento das variáveis ditas clássicas ou independentes. À primeira vista somos levados a pensar que a sua utilização num inquérito por questionário não levanta muitos problemas, na medida em que podem assumir a forma fechada e, por isso, a sua codificação, tratamento e interpretação não suscita grandes dificuldades. Por outro lado, podendo ser questões fechadas, é frequente adoptar-se como respostas possíveis as categorias administrativas, jurídicas, práticas, ou outras, havendo aqui uma certa interpenetração entre estas e as categorias sociológicas, propriamente ditas<sup>26</sup>. No fundo, acaba-se por transpôr para o domínio da análise sociológica, as categorias utilizadas pelas instâncias sócio-administrativas e organismos oficiais, para classificarem e interpretarem a realidade social.

Dado o grande manancial de informação disponível sobre as variáveis ditas clássicas, produzido por aquelas instâncias, o sociólogo cede, na maior parte das vezes, à tentação de as incluir quase automaticamente nos inquéritos por questionário. Ora, estas categorias são construídas segundo critérios definidos por aqueles organismos, e não em função dos parâmetros e objectivos teórico-metodológicos dos inquéritos sociológicos. Daí que, fazer

---

<sup>26</sup> Cf. Maria Cidália Queirós, *O. c.*, p. 85; e Virgínia Ferreira, *O. c.*, pp. 174 - 175.

a sua transposição sem grandes cautelas, implica introduzir na análise significações não controladas, e por isso susceptíveis de provocarem graves enviesamentos nas respostas. Estas categorias, produzidas pelas instâncias oficiais, para além de reflectirem a visão e a versão oficial sobre os fenómenos sociais, resultam de modos diversificados de categorizar a realidade, e de complexos processos de negociação em que participa todo um conjunto de agentes sociais (nomeadamente actores sociais, técnicos e funcionários das instâncias político-administrativas, etc.)<sup>27</sup>.

Por outro lado, este desfazamento entre sentido implícito à construção das categorias, tal como são utilizadas pelas instâncias administrativas, e sua utilização nos inquéritos sociológicos, assume uma outra forma: isto é, a mesma pergunta sobre, por exemplo, a profissão, poderá assumir significados distintos para os diversos inquiridos. Ora, o desfazamento, aqui, será também entre as categorias classificatórias utilizadas no inquérito, e as representações e processos de categorização accionados pelos inquiridos quando das suas respostas. Com efeito, os diversos inquiridos são portadores de diferenças várias, não só ao nível das condições de exercício da profissão, mas também da própria qualificação profissional que lhes confere uma determinado estatuto sócio-profissional, formas distintas de remuneração, e uma certa posição social. E, o conjunto de representações dos inquiridos sobre a sua profissão interfere nos diferentes sentidos presentes nas suas respostas <sup>28</sup>.

De tudo isto resulta que a utilização das categorias produzidas pelas instâncias político-administrativas, deva ser feita de acordo com um estrito controlo e conhecimento dos objectivos com que serão accionadas nos inquéritos sociológicos, do sentido teórico de cada questão e respectiva resposta (trata-se também de reflectir sobre a validade de uma questão para a demonstração das hipóteses teóricas), das condições concretas da pesquisa, e ainda dos contextos psico-sociais nos quais se desenvolvem os processos de interacção entre entrevistador e inquirido. Finalmente, só uma reflexão alargada que contemple todas estas dimensões, nos poderá ajudar a minimizar e controlar o impacto das diversas significações implícitas nas respostas dos inquiridos.

Mas, o problema da atribuição de sentido está também relacionado com a forma das respostas. Com efeito, podemos integrar num inquérito por

---

<sup>27</sup> Cf. José Madureira Pinto, "Questões de Metodologia Sociológica (II)", in *Cadernos de Ciências Sociais*, Nº 2, Porto, Edições Afrontamento, pp. 128 - 130.

<sup>28</sup> Cf. Maria Cidália Queirós, *O. c.*, p. 87.

questionário questões de escolha binária e questões de escolha múltipla. No primeiro caso, situam-se todas as questões cuja resposta possível é apresentada em termos dicotómicos como por exemplo, Sim/Não (quando uma questão é apresentada sob a forma interrogativa), Verdadeiro/Falso (quando uma opinião é apresentada como o enunciado de um facto), Concordo/Discordo (quando se pretende o acordo ou não do inquirido sobre uma determinada situação, acontecimento, opinião, etc.). Por seu turno, o investigador adopta a forma de resposta possível de acordo com os objectivos gerais do inquérito, mas também em função dos objectivos específicos que pretende com cada questão. Assim, no caso da alternativa Concordo/Discordo, esta parece ser mais flexível, pois para além de permitir ao inquirido expressar o seu acordo/desacordo, tem a vantagem de possibilitar a introdução de graus intermédios do género Concordo Relativamente, Discordo Relativamente, ou ainda Nem Concordo/Nem Discordo. Porém, estas últimas possibilidades de resposta são susceptíveis de alguma ambiguidade, uma vez que pretendendo evidenciar uma posição de neutralidade nem sempre tal é possível, sobretudo porque a grande dificuldade destas respostas decorre da própria formulação verbal de uma posição neutra. Por outro lado, estas questões são muitas vezes consideradas como sinónimo de ausência de opinião. Esta forma de resposta, permite ainda evitar certas incompreensões decorrentes da forma interrogativa das questões, sobretudo quando ela é formulada na negativa. Quanto à alternativa Sim/Não e Verdadeiro/Falso, a primeira tem o inconveniente de não se conseguir conhecer, muito bem, a posição daquele que responde Não, na medida em que não sabemos o significado desta resposta negativa; a segunda pode ter o inconveniente de sugerir ao inquirido que existe, de certa forma, uma resposta que é considerada como a correcta, levando-o a adoptar uma atitude demasiadamente crítica e prudente. Também, o facto de o inquirido apenas poder escolher uma só resposta, pode causar-lhe a sensação de que se está a condicionar a sua capacidade de resposta, e de que se tratam de questões de alguma forma manipuladoras (sentimento muito associado às questões fechadas)<sup>29</sup>.

Daí que, as questões de escolha múltipla, sejam geralmente melhor acolhidas pelos inquiridos que, deste modo, têm a possibilidade de escolher ou ordenar várias respostas possíveis. Neste caso, é solicitado ao inquirido que assinale a categoria(s) de resposta que melhor corresponde à sua posição. No caso das questões semi-abertas, semi-fechadas ou de cafeteria, para além

---

<sup>29</sup> Sobre a forma das respostas ver Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon, *O. c.*, pp. 137 - 139; Claude Javeau, *O. c.*, pp. 56 - 62; e Sierra Bravo, *O. c.*, pp. 263 - 279.

de ser proporcionado ao inquirido uma lista pré-estabelecida de respostas possíveis é-lhe dada a possibilidade, através da inclusão da rubrica "Outras", de acrescentar outras respostas da sua autoria. As questões de escolha múltipla, têm assim a vantagem de tornar mais clara a posição dos inquiridos, permitindo ao mesmo tempo análises e interpretações mais finas do que as que seriam proporcionadas pelas simples alternativas Sim/Não, Verdadeiro/Falso, Concordo/Discordo, etc.

Quanto às respostas do género "Não Sei", "Sem Opinião", "Recusa Responder", em primeiro lugar há que decidir se as devemos, ou não, incluir explicitamente no inquérito por questionário. Tal decisão, depende essencialmente do sentido que se decida atribuir a este tipo de respostas. Assim, se se considerar que aquelas respostas são tão significantes como as demais dadas pelo inquirido, então devemos incluí-las no inquérito por questionário no mesmo plano que as restantes categorias de resposta<sup>30</sup>; se, pelo contrário, elas forem encaradas como sinónimo de ausência de reflexão, ou como forma de o inquirido fugir a certas questões, então devemos, tal como nos aconselha Virgínia Ferreira, evitar incluí-las no inquérito por questionário, ou então, reduzir o seu número, ou ainda, apenas aceitá-las como resposta possível após alguma insistência por parte do entrevistador, em conseguir outras respostas<sup>31</sup>. Todavia, há que distinguir a rubrica "Sem Opinião", da rubrica "Recusa Responder". Esta última, deve ser utilizada quando o inquirido se recusa mesmo responder a uma determinada questão, o que é diferente da possibilidade "Sem Opinião" (embora só excepcionalmente um indivíduo não tenha opinião sobre um determinado assunto). Finalmente, apesar da inclusão destas rubricas no inquérito por questionário terem alguns inconvenientes, não obstante, elas devem estar previstas em certos casos. No entanto, devem ser utilizadas com algumas precauções, de modo a evitar que o inquirido iluda, desta forma, toda e qualquer questão que ameace comprometé-lo.

Para além destes enviesamentos decorrentes, quer dos diversos sistemas de atribuição de sentido, quer da forma das questões e das respostas, existem outros derivados das atitudes de resposta dos sujeitos inquiridos. Roger Mucchielli<sup>32</sup> classificou em sete categorias, aquilo que designou por deformações involuntárias provenientes das atitudes de resposta dos

---

<sup>30</sup> Cf. Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon, *O. c.*, p. 138.

<sup>31</sup> Virgínia Ferreira, *O. c.*, p. 183.

<sup>32</sup> Roger Mucchielli, *Le questionnaire dans l'enquête psycho-sociale*, Paris, Librairies Techniques/E. Sociales Françaises, 1968, pp. 75 - 76.

inquiridos. São elas: a reacção de prestígio que leva o inquirido a dar as respostas que julga socialmente desejáveis/aceitáveis por receio de se fazer mal apreciado; a contracção defensiva à questão personalizada, sobretudo quando ela incide sobre domínios mais ou menos constrangedores ou que faz o inquirido intervir directamente, levando-o a temer a utilização futura que poderá ser feita das suas respostas; as respostas sugeridas pelo enunciado da questão, sobretudo quando são redigidas de forma tendenciosa e pouco isenta; a atracção pela resposta positiva que conduz o inquirido a exprimir, mais facilmente, o seu acordo do que o seu desacordo, sob pena de parecer não integrado, não conforme com a normalidade; o medo por certas palavras que podem ser portadoras de conotações negativas, suscitando nos inquiridos certas reacções de defesa; o medo da mudança, presente sobretudo quando a questão é enunciada de modo muito dinâmico e com termos que expressam grandes alterações; e, finalmente, a atracção pela referência a personalidades que pode levar a reacções de identificação ou de rejeição, sobretudo quando o inquirido não tem uma opinião muito precisa sobre o assunto abordado.

### **3.2.3. O TRABALHO NO TERRENO**

Construído o questionário, há que avançar com a sua administração no terreno. Nesta fase, são inúmeras as questões que se colocam ao investigador, nomeadamente a escolha dos lugares de administração do inquérito (o que em parte depende também do tipo de amostragem que se utilizou para seleccionar a população a inquirir), a selecção e formação dos entrevistadores, o controle e supervisão do seu trabalho no terreno, e no caso dos inquéritos auto-administrados ou de administração directa, problemas de envio e devolução dos inquéritos, aspectos gráficos do inquérito, tipo de contacto, etc.

Os lugares onde os inquéritos são realizados têm uma importância crucial na qualidade da informação recolhida. Com efeito, as interferências de terceiros, alheios à situação de inquérito, os ruídos e barulhos de fundo, são factores que tornam os espaços públicos em geral, pouco adequados para a administração de um inquérito por questionário. Apesar de as pessoas serem facilmente acessíveis nestes espaços, não obstante o facto de elas, geralmente, se encontrarem de passagem (como por exemplo, numa estação, num jardim, numa praça), faz com que a sua capacidade de concentração seja

menor, o que apenas torna viável a administração nestes lugares, de inquéritos de curta duração.

Também os locais de trabalho, são espaços onde se encontram facilmente os inquiridos, sobretudo se uma das quotas da nossa amostra disser respeito à profissão. Nestes lugares, o inquirido é facilmente abordado, particularmente nas horas de intervalo e das refeições. No entanto, neste caso o entrevistador tem que tomar algumas providências, nomeadamente informar a direcção das empresas para as quais se desloca, quanto aos objectivos do inquérito, e pedir autorização para a sua administração, principalmente se tal ocorrer no espaço da própria empresa. Um dos grandes inconvenientes, decorrentes da administração do inquérito nos lugares de trabalho reside, por um lado, no facto de os inquiridos encararem com alguma suspeição o entrevistador e o próprio inquérito, pensando que ambos representam ou estão ao serviço dos interesses da própria empresa e, por outro, na possibilidade dos outros colegas de trabalho, perturbarem o inquirido com comentários e apreciações. Neste caso, há ainda o inconveniente de o inquirido ser levado a assumir, apenas, o seu papel profissional. Ora, quando não é apenas este papel que interessa ao investigador, há que enfatizar e insistir no papel que aquele pretende que, efectivamente, o inquirido assumia, quando responde a um inquérito por questionário<sup>33</sup>. Finalmente, parece que o domicílio do inquirido se revela como o lugar mais adequado, para a administração do inquérito por questionário. No domicílio, o inquirido está mais à vontade, menos tenso, e a sua capacidade de concentração nas suas respostas parece ser mais forte. O único inconveniente tem a ver com o facto de o isolamento, e a ausência de perturbações nem sempre ser total, uma vez que é difícil evitar a interferência e curiosidade dos restantes membros da família.

Escolhido o lugar de administração do inquérito por questionário, o entrevistador tem que possuir uma formação adequada que lhe permita uma certa qualidade no contacto e na forma de abordagem dos inquiridos. À qualidade do primeiro contacto está muito associado o número de recusas à situação do inquérito. Neste sentido, o entrevistador deve, em primeiro lugar, e quando aborda o inquirido, apresentar-se, identificar os objectivos do inquérito, a entidade que representa (se for o caso) e, sempre que necessário, garantir o anonimato e a confidencialidade das respostas dadas. E, é por isso, que a selecção dos entrevistadores deve ser rigorosa, devendo-lhes ser proporcionada uma formação com vista a que tenham acesso a um pleno

<sup>33</sup> Cf. Rodolphe Ghigliione e Benjamin Matalon, *O. c.*, pp. 161 - 162.

conhecimento sobre os objectivos do inquérito em geral, e de cada questão em particular, sobre as técnicas necessárias à realização do inquérito (como por exemplo, técnicas de anotação, modos de convencer os renitentes, de evitar as respostas do género "Não Sei", "Recusa Responder", "Sem Opinião", etc.) e, sobretudo, de forma a que, na situação do inquérito, assumam uma atitude profissional, caracterizada pela impessoalidade e neutralidade<sup>34</sup>. Aliás, este tipo de atitude é indispensável para que, na interacção entre entrevistador e inquirido, se mantenha uma certa distância social e afectiva, de modo a evitarem-se os excessos de familiaridade e confiança que, eventualmente, possam surgir naquela situação, e que são susceptíveis de provocar certos enviesamentos nas respostas dos inquiridos.

O trabalho no terreno é assim crucial, para a própria execução e viabilidade do inquérito por questionário. A qualidade da informação obtida, também, depende do maior ou menor profissionalismo do entrevistador (saliente-se que na maior parte das vezes investigador e entrevistador não são a mesma pessoa, daí a importância de se fornecer aos entrevistadores uma formação adequada), o qual deve atenuar e minimizar a sua influência no inquirido. Inquirido que, nalguns casos, acede à situação de inquérito pela necessidade de manter uma boa relação com o entrevistador, e de dar uma imagem favorável de si, conforme com a normalidade; mas também pela representação que faz da futura utilização das suas respostas, o que o leva nalguns casos a adoptar respostas instrumentais, ou seja, respostas que visam alcançar um fim exterior ao próprio inquérito por questionário<sup>35</sup>. Posto isto, podemos afirmar que o inquérito por questionário é uma situação social que coloca em interacção pelo menos duas pessoas, entrevistador e inquirido, que se constrói, define e negocia ao longo de todo o seu processo de desenvolvimento. E, como uma situação socialmente construída, a informação assim recolhida deve ser sempre interpretada e remetida às condições da sua produção. O que reforça, ainda que indirectamente, a importância do Guião de Observação. Este deve sempre, fazer parte de um inquérito por questionário, devendo o seu preenchimento ser realizado durante (caso em que pelo menos são dois os entrevistadores), ou imediatamente após a administração do inquérito. No Guião de Observação, o entrevistador deve proceder ao registo de todo um conjunto de observações pertinentes para os objectivos do estudo, e necessárias para uma correcta contextualização da

---

<sup>34</sup> Cf. Virgínia Ferreira, *O. c.*, pp. 186 - 187.

<sup>35</sup> Cf. Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon, *O. c.*, pp. 173 - 174.

situação do inquérito. Trata-se, aqui, de uma forma de completar (e nalguns casos corroborar ou não) a informação obtida através do inquérito<sup>36</sup>.

### 3.2.4. A ANÁLISE DOS RESULTADOS

Administrados e recolhidos os inquéritos, é chegado o momento de se proceder ao seu tratamento e análise. Para tal, convém dar uma forma homogénea às respostas obtidas, com vista a tratá-las e a verificar as relações entre elas. Trata-se, aqui, de proceder à classificação das respostas dos diversos inquiridos, operação que manualmente se faz construindo uma tabela global/geral onde são classificadas todas as respostas. Neste quadro geral, de dupla entrada, coloca-se os inquiridos (ou nº do inquérito) em coluna, e as questões em linha, ou vice-versa, sendo a resposta de um inquirido a uma questão, indicada na célula de intersecção da linha com a coluna correspondente. É a partir desta tabela geral que se parte para a contagem de todas as respostas obtidas. Após a contagem das diversas respostas, e sua apresentação sob a forma de tabelas de frequências (simples e relativas), o passo seguinte é o de tentar estabelecer relações entre duas ou mais respostas, ou seja, é o de tentar estabelecer as relações entre duas (análise bivariada), ou mais variáveis (análise multivariada), com vista a demonstrar as hipóteses teóricas subjacentes a todo o processo de pesquisa. Saliente-se que a apresentação das relações entre variáveis faz-se sob a forma de tabelas de contingência, as quais nos dão a frequência das combinações de respostas a duas ou mais questões.

Mas, para que este trabalho de classificação de todas as respostas seja correcto e eficaz, é necessário que aquelas estejam devidamente codificadas<sup>37</sup>. Aliás, a codificação das respostas é uma das primeiras tarefas a realizar. No caso das questões fechadas, e das questões semi-fechadas, semi-abertas ou de cafeteria, a sua codificação deve ser previamente estabelecida, o que facilita o seu posterior tratamento e classificação. O mesmo não sucede com as questões abertas, uma vez que não é possível prever a diversidade de

---

<sup>36</sup> Sobre a importância do Guião de Observação ver por exemplo, Virginia Ferreira, *O. c.*, p. 189.

<sup>37</sup> Sobre a classificação e codificação das respostas ver por exemplo, Claude Javeau, *O. c.*, pp. 112 - 115; Sierra Bravo, *O. c.*, pp. 389 - 407; e Francisco Alvira, *Introducción al análisis de datos*, Madrid, Alianza Editorial, pp. 307 - 339.

respostas dadas pelos inquiridos. Daí que, a sua codificação, tenha que ser feita *a posteriori*, a qual exige um trabalho de leitura repetida e exaustiva de todas as respostas obtidas, e uma sua análise de conteúdo. Finalmente, as regras subjacentes à definição de um código devem ser o mais claras e explícitas, de modo a que se reduza, ao mínimo possível, qualquer possibilidade de intervenção das avaliações subjectivas do codificador e que, dois codificadores diferentes, perante a mesma resposta, a classifiquem exactamente da mesma forma, isto é, na mesma categoria. E, neste caso, é a própria eficácia do código que sai reforçada.

Actualmente, a informática tornou o trabalho de tratamento, classificação e análise da informação recolhida pelo inquérito por questionário mais fácil, rápido e eficaz, permitindo análises estatísticas mais complexas e sem risco de erro.

### 3.2.4.1. O TRATAMENTO INFORMÁTICO DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

A enorme quantidade de informação que o inquérito por questionário nos permite obter, bem como a diversidade de questões e de domínios que com elas se pretende abranger, tornou indispensável o recurso ao tratamento informático do inquérito. A economia de meios, a rapidez de tempo, bem como a complexidade das análises que permite, tornou o computador, pelos programas de análise de dados que coloca ao nosso dispôr, num instrumento imprescindível para o tratamento e análise da informação, obtida através dos inquéritos por questionário. Com a expressão "análise de dados" pretende-se, assim, designar uma metodologia "rigorosa e coerente, dispondo de um conjunto de regras claras de codificação e interpretação, que exigem a construção de módulos de programas de computador flexíveis e versáteis, articulados e encadeados segundo diferentes modelos, capazes de responder em tempo útil aos diferentes ensaios de tratamento da informação sugeridos pelo próprio método"<sup>38</sup>. Tal metodologia, para além da diversidade de operações e análises estatísticas que nos proporciona, permite-nos ir além do método clássico de tratamento, nomeadamente *dados* \_\_\_ *processamento* \_\_\_ *interpretação*, e produzir uma constante interacção retroactiva entre os diversos momentos da pesquisa (ou seja, entre os dados propriamente ditos, o momento da sua concepção, codificação, tratamento e interpretação), o que resulta num melhor aproveitamento dos dados obtidos através do inquérito por questionário<sup>39</sup>.

São diversos os procedimentos informáticos de análise de dados que estão ao nosso dispôr, para o tratamento e análise dos inquéritos por questionário. Não tendo o objectivo de abarcá-los todos na sua totalidade e exaustivamente, apenas somos movidos pela modesta pretensão de dar, aqui, algumas pistas sobre os principais métodos de análise, mais frequentemente utilizados no domínio das Ciências Sociais, e em particular no tratamento informático do inquérito por questionário. Neste domínio o *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, surge como o conjunto de programas para a análise estatística nas Ciências Sociais, com uma grande utilização. Trata-se de um programa que surgiu nos anos 60, e que até hoje tem passado por várias versões, com vista a um seu aperfeiçoamento, constituindo assim a

<sup>38</sup> Henrique Garcia Pereira, "Tratamento informático de questionários: o ponto de vista da análise factorial das correspondências", in *Análise Social*, Nº 98, vol. XXIII, p. 734.

<sup>39</sup> *Idem*.

primeira grande tentativa de se desenvolver software para Ciências Sociais. A versão de SPSS para computadores pessoais compatíveis (PCs) com IBM tratada nesta aula, é designada por *SPSS/PC+ Version 3.0 (1988)*<sup>40</sup>. Com este programa pode ser realizada uma série de testes estatísticos (com a exceção da correlação parcial e a estatística  $r^2$ ), podendo-se analisar uma grande quantidade de dados quantitativos, sem risco de erros, decorrentes das longas horas que o investigador teria que passar a fazer a classificação dos dados, o seu cálculo e respectiva interpretação, se optasse pelo seu tratamento manual. Saliente-se que este programa pode ser utilizado no tratamento e análise de todo o tipo de dados quantitativos e não, somente, nos obtidos através do inquérito por questionário.

O tratamento informático dos questionários, exige igualmente como primeira e mais elementar tarefa a realizar, que se proceda à codificação das questões do questionário e respectivas variáveis. Ou seja, cada questão do questionário refere-se a uma ou mais variáveis, que se pretendem aferir empiricamente, e para a qual se estabelece um conjunto de categorias de resposta possíveis (isto para o caso das questões fechadas e das semi-fechadas, semi-abertas ou de cafeteria), o que permite que sejam codificadas previamente. No caso das questões abertas e sua codificação, em que o investigador não quis ou não conseguiu prever as modalidades de resposta, deixando ao inquirido plena liberdade de expressão e abordagem sobre a questão que lhe é colocada, têm que ser alvo de (re)leituras e análises prévias (ao seu tratamento informático), com vista a construir-se uma grelha de categorias que permita a classificação dos seus elementos constitutivos, o que exige o recurso aos procedimentos da análise de conteúdo.

A codificação das variáveis (e posterior tratamento e operações estatísticas que sobre elas podem ser realizadas), depende da própria natureza das questões. Assim, no nosso questionário, podemos utilizar variáveis nominais (quando as modalidades de resposta não têm estrutura *a priori*, apenas permitindo a identificação, classificação de alguns atributos essenciais como por exemplo, sexo, profissão, estado civil), ordinais (quando as modalidades de resposta admitem uma relação de ordem, de hierarquia entre os atributos da variável, como por exemplo, classe social, nível de escolaridade), ou numéricas que, situando-se no nível de medida de

---

<sup>40</sup> Ver Alan Bryman; Duncan Cramer, *Análise de Dados em Ciências Sociais - Introdução às técnicas utilizando o SPSS*, Oeiras, Celta Editora, 1992, p. 21. Para um acesso a uma versão mais actualizada do SPSS mas ainda não publicada em Portugal, consultar *SPSS For Windows.Base System User's Guide. Release 6.0*, Chicago, Marija J. Norusis - SPSS inc., 1993.

proporção e/ou de intervalo, permitem a realização de todas as operações aritméticas usuais<sup>41</sup>. Mas, independentemente do tipo de variáveis que se utilize no inquérito por questionário, antes da introdução dos dados no computador, devemos assegurar que todas elas estão codificadas, para que se possa realizar o seu tratamento conjunto. Trata-se aqui, de se proceder a uma codificação unificadora, conhecida pela designação de *codificação disjuntiva completa* a qual consiste "em estabelecer todas as modalidades possíveis de cada pergunta (incluindo as "sem resposta"), passando as variáveis numéricas a ordinais através da definição de intervalos, adoptando escalas ou scores para as perguntas de opinião não dicotómicas e tipificando coerentemente as modalidades relativas às perguntas abertas"<sup>42</sup>. A codificação é disjuntiva porque as modalidades (de resposta) são mutuamente exclusivas, e completa porque a cada indivíduo é atribuída uma modalidade de resposta.

É conveniente que as respostas ao questionário sejam codificadas sob a forma de números, de modo a evitarem-se eventuais confusões e dificuldades decorrentes da utilização de códigos mistos ou diferenciados, como por exemplo, números com letras do alfabeto.

Deste modo, seria atribuído um número a todas as modalidades de resposta, devendo-se igualmente reservar um valor numérico para dados omissos, ou seja, situações em que temos de registar uma resposta que é ambígua ou que não é suficientemente clara. Saliente-se que, este valor numérico não pode ser igual a outro qualquer que tenha sido utilizado para classificar dados reais (ou não omissos). Assim, por exemplo, se se utilizou valores de 1 a 5 para codificar as respostas possíveis a uma questão, o número a atribuir aos dados omissos, não pode coincidir com nenhum daqueles, podendo por isso ser zero. Paralelamente, devemos atribuir a cada inquirido um número de identificação, que deve ser colocado nas primeiras colunas de cada linha. A identificação do inquirido (e respectivo questionário) com um número, revela-se extremamente útil, não só por razões que se ligam directamente com a codificação, mas também pelo facto de permitir ao investigador ter um acesso mais fácil e rápido a um determinado caso. Deste modo, em cada linha ficam concentrados todos os dados relativos a um mesmo inquirido, linha esta que no SPSS/PC+ é designada por *registo (record)*<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> Cf. Manuel García Ferrando, *Sobre el Metodo - Problemas de investigación empírica en Sociología*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, 1979, pp. 190 - 204.

<sup>42</sup> Henrique Garcia Pereira, *O. c.*, p. 738.

<sup>43</sup> Cf. Alan Bryman; Duncan Cramer, *O. c.*, pp. 27 - 29.

Finalmente, do procedimento de codificação (disjuntiva completa), resulta um quadro geral (em que cada inquirido ocupa uma linha, e cada modalidade de resposta corresponde a uma coluna), que nos permitiu classificar os dados brutos do inquérito, e tratar conjuntamente todo o tipo de variáveis utilizadas. A partir daqui, estão reunidas as condições para se avançar para operações de contagem dos dados, e de estabelecimento de correlações entre variáveis, através da aplicação de determinados testes estatísticos.

### **3.2.4.2. A ANÁLISE DOS DADOS: PRINCIPAIS OPERAÇÕES E TIPOS DE ANÁLISES PROPORCIONADAS PELO TRATAMENTO INFORMÁTICO DO QUESTIONÁRIO**

Neste ponto da aula, pretende-se dar a conhecer aos alunos as operações e testes estatísticos mais usuais, que podem ser realizados no âmbito da análise univariada, bivariada e multivariada, e que são proporcionados pelo tratamento informático do questionário.

- A ANÁLISE UNIVARIADA: Trata-se do tipo mais elementar de análise que o investigador tem ao seu dispôr. Permite apenas a descrição de determinado comportamento, situação, atitude, etc., da população inquirida em função de uma única variável (como por exemplo, proporção de inquiridos que lêem um determinado jornal, proporção de inquiridos que passam férias fora do país, etc.). Neste domínio, podemos efectuar as seguintes operações estatísticas:

- construção de uma tabela de frequências (simples e/ou relativas), a qual nos dá a distribuição das respostas pelas categorias utilizadas na análise;

- a construção de gráficos de barras, de histogramas, etc., os quais permitem uma representação diagramática dos dados (apresentados nas tabelas de frequências), tornando a sua leitura mais fácil e atraente <sup>44</sup> ;

- aplicação das medidas de tendência central, que nos permitem sintetizar a distribuição dos valores de uma variável, ou seja, conhecer o seu valor típico. Essas medidas são a média aritmética (medida de tendência central largamente utilizada), a mediana (ponto médio da distribuição de valores, repartindo-a em duas partes), e a moda (valor que ocorre com maior frequência numa distribuição);

- aplicação das medidas de dispersão, que nos dão informações complementares às proporcionadas pelas medidas de tendência central, permitindo-nos conhecer qual a quantidade de variação/dispersão presente na distribuição. A medida de dispersão mais utilizada, neste caso, é o desvio-padrão, o qual nos dá "o grau em que os valores de uma distribuição se afastam da média aritmética"<sup>45</sup>.

Outros testes estatísticos, são passíveis de serem aplicados no âmbito da análise univariada como, por exemplo, os testes de assimetria (possíveis de serem igualmente avaliados através do SPSS<sup>46</sup>). No entanto, tal como a sua própria designação indica, este tipo de análise apenas nos permite estudar a variação de um determinado comportamento em função de uma única variável, o que geralmente é insuficiente. Aliás, o grande objectivo da pesquisa científica consiste na busca das relações entre variáveis; daí que, qualquer investigador que pretenda uma análise mais profunda e complexa dos dados do inquérito por questionário, deva avançar para o nível da análise bivariada (análise entre duas variáveis), e ainda para o nível da análise multivariada (que proporcionando níveis de complexidade crescente, permite-nos a análise entre duas ou mais variáveis).

---

<sup>44</sup> Para um adequado conhecimento dos comandos que no SPSS permitem a construção de tabelas de frequência, e de representação diagramática dos dados, consultar Alan Bryman e Duncan Cramer, pp. 99 - 104.

<sup>45</sup> Alan Bryman; Duncan Cramer, *O. c.*, p. 111; e pp. 112 - 113, sobre como medir a tendência central e o desvio-padrão com o SPSS.

<sup>46</sup> *Idem*, p. 122.

- A ANÁLISE BIVARIADA: este tipo de análise permite-nos observar o tipo de relações entre duas variáveis. Trata-se de uma análise que responde aos objectivos da própria investigação científica, que é o de detectar a associação e/ou causalidade entre duas variáveis.

No âmbito da análise bivariada, numerosos testes estatísticos podem ser aplicados ao tratamento dos dados do inquérito; no entanto considera-se que, numa primeira abordagem e para o apuramento do inquérito, se deve proceder ao estabelecimento de grelhas de tabulação que, cruzando as variáveis duas a duas, permitem explicar o comportamento das variáveis que dizem respeito sobretudo ao objecto do inquérito (designadas por variáveis factuais e/ou de opinião associadas ao tema a investigar<sup>47</sup>). Estas grelhas de tabulação, dão origem a um quadro de dupla entrada, o qual contém os casos em que ocorre intersecção entre os valores das variáveis. Quadros de dupla entrada que são designados por tabelas de contingência, e que sintetizam a informação relativa às duas variáveis em análise, tornando a sua leitura e interpretação mais fácil. Estas tabelas, constituem uma das formas mais simples de ilustrar a associação (ou não) entre duas variáveis, mostrando-nos, assim, o resultado do seu cruzamento<sup>48</sup>. No entanto, o estabelecimento de grelhas de tabulação exige um trabalho de interpretação exaustivo, sobretudo das tabelas mais pertinentes para a explicação do objecto de estudo do questionário.

A par das tabelas de contingência, um outro teste estatístico que é muito utilizado no âmbito da análise bivariada é o do qui-quadrado. Este teste permite, ao investigador, determinar a probabilidade de que a associação entre duas variáveis tenha ocorrido ao acaso, ou seja, permite ao investigador conhecer a probabilidade de existir uma relação entre duas variáveis na amostra estudada<sup>49</sup>.

Mas, no estudo das relações entre duas variáveis, as medidas de correlação adquirem particular importância. Neste domínio, existem fundamentalmente dois tipos de medidas de correlação, nomeadamente as medidas de correlação linear, aplicáveis a relações entre variáveis de intervalo (sendo o coeficiente de correlação mais frequentemente utilizado neste tipo de variáveis, o coeficiente de correlação produto-momento, designado por  $r$  de Pearson), e as medidas de correlação ordinal, aplicáveis a

---

<sup>47</sup> Cf. Henrique Garcia Pereira, *O. c.*, p. 734.

<sup>48</sup> Ver Alan Bryman; Duncan Cramer, *O. c.*, pp. 197 - 198, sobre os comandos do SPSS necessários para a construção de tabelas de contingência.

<sup>49</sup> *Idem*, pp. 158 - 201.

variáveis de natureza ordinal. Estas medidas indicam-nos a força e direcção da associação entre duas variáveis, utilizando-se, para a ilustrar, os chamados diagramas de dispersão (que são gráficos onde se ilustra o ponto onde as duas variáveis se interceptam)<sup>50</sup>.

No âmbito da análise bivariada, existem ainda outros testes para determinar se as diferenças entre duas variáveis são, estatisticamente, significativas. Aqui, apenas falamos nos testes estatísticos mais frequentes, nomeadamente nas tabelas de contigência, no qui-quadrado (que aparecem ligados ao estudo das relações entre duas variáveis nominais), e no coeficiente de correlação  $r$  de Pearson (aplicável a variáveis de intervalo). Outros testes estatísticos podem ser utilizados no âmbito do SPSS, como por exemplo, o  $R$  de Spearman, o tau de Kendall que nos dão igualmente o grau de associação entre duas variáveis; só que de natureza ordinal, e a técnica de regressão linear simples, a qual nos dá indicações sobre a natureza da associação entre as variáveis, e nos permite fazer previsões acerca dos valores prováveis da variável dependente (ou a explicar)<sup>51</sup>. Porém, a utilização de todos estes testes, para além de exigir conhecimentos de estatística mais elaborados, depende igualmente do grau de complexidade que o investigador queira introduzir na análise, bem como da sua pertinência para os objectivos do estudo.

- A ANÁLISE MULTIVARIADA: trata-se de uma análise que nos permite o estudo das relações entre mais de duas variáveis, ou seja, permite-nos ir além dos testes bivariados. A análise multivariada possibilita, assim, ao investigador, eliminar explicações alternativas, para uma relação que surgiu num plano correlacional, explorando as diferenças entre três ou mais variáveis<sup>52</sup>.

Este tipo de análise pode ser realizada num plano estatístico geral denominado por *análise multivariada de variância (MANOVA)* e de *covariância (MANCOVA)*. Modelo que pode ser executado pelo SPSS/PC+, se este possuir a opção *Advanced Statistics*. A análise multivariada de variância (MANOVA), é uma técnica estatística utilizada para explorar as

---

<sup>50</sup> *Idem*, pp. 207 - 209. Para se calcular o coeficiente de correlação  $r$  de Pearson e criar diagramas de dispersão com o SPSS, ver pp. 217 - 221.

<sup>51</sup> *Idem*, p. 225 e segs.

<sup>52</sup> Cf. Raymond Boudon, *Os Métodos em Sociologia*, Lisboa, Edições Rolim, pp. 66 - 91.

relações entre várias variáveis independentes e duas ou mais variáveis dependentes. Por seu turno, a análise multivariada de covariância (*MANCOVA*), pode ser usada juntamente com a *MANOVA* para detectar o efeito das variáveis independentes não controladas sobre as variáveis dependentes<sup>53</sup>.

No âmbito da análise multivariada, existem outros tipos de técnicas específicas que são, frequentemente, aplicadas no tratamento (informático) e análise dos dados do questionário, nomeadamente:

- a análise factorial: constitui um conjunto de técnicas estatísticas que nos permitem analisar um grande número de variáveis, com o fim de se detectar a interdependência entre elas, mas através de um menor número de variáveis, sem que haja, no entanto, perda da informação contida no conjunto de variáveis iniciais<sup>54</sup>. Este tipo de análise pode ser utilizado com dois objectivos; nomeadamente, com o fim exploratório (análise factorial exploratória) que, permitindo reduzir a dimensão dos dados, as relações entre as variáveis são estudadas "sem se determinar até que ponto os resultados se ajustam a um determinado modelo"<sup>55</sup>, e com o fim confirmatório. Trata-se, aqui, da análise factorial confirmatória que nos permite comparar os resultados alcançados com a hipótese inicial<sup>56</sup>. Saliente-se que, nem sempre, a distinção entre estes dois tipos de análise é evidente e clara quando se aplica a análise factorial.

A *análise factorial das componentes principais* é, neste domínio, um dos métodos mais conhecidos de análise factorial que, permitindo reduzir a dimensionalidade das variáveis independentes, tem como base o pressuposto de que "os  $p$  indicadores iniciais são combinações lineares de  $k$  vectores estatisticamente não correlacionados - as componentes principais"<sup>57</sup>. O ponto de partida para a realização de uma *análise factorial das componentes principais*, consiste na criação de uma *matriz de correlação* que tem, por finalidade, verificar se existem, ou não, correlações significativas entre as variáveis e, portanto, se será, ou não, pertinente a aplicação deste tipo de análise. Saliente-se ainda que, a pertinência deste tipo de análise depende igualmente da própria dimensão da amostra, pois quando esta é pequena, os

<sup>53</sup> Cf. Joseph F. Hair Jr.; Rolph E. Anderson; Ronald L. Tatham, *Multivariate Data Analysis with Readings*, New York, Mcmillan Publishing Company, Second Edition, pp. 4 - 5.

<sup>54</sup> Cf. Elizabeth Reis, *A Análise Factorial das Componentes Principais: Um método de reduzir sem perder informação*, Giesta - Grupo de Investigação Estatística e Análise de Dados, ISCTE, 2ª Edição, 1993, p. 1.

<sup>55</sup> Alan Bryman; Duncan Cramer, *O. c.*, p. 321.

<sup>56</sup> *Idem*; e Cf. Elizabeth Reis, *O. c.*, p. 1.

<sup>57</sup> Elizabeth Reis, *O. c.*, p. 2.

coeficientes de correlação tendem a ser instáveis. Ou seja, embora a análise factorial possa ser aplicada a amostras pequenas, não obstante, é necessário que a amostra estudada seja suficientemente grande, para que se possam encontrar os factores subjacentes a um grupo de variáveis com precisão<sup>58</sup>.

Uma outra forma de análise factorial consiste na chamada *factorização por eixos principais* ( designação através da qual também é identificada no SPSS). Estes eixos principais são construídos através das combinações das variáveis de partida, que melhor se ajustam à estrutura dos dados, e são hierarquizados por ordem decrescente da sua importância para a explicação da variabilidade dos dados<sup>59</sup>. Independentemente da forma de análise factorial escolhida, devemos insistir no facto de que o seu grande objectivo, é o de reduzir o número de variáveis com que se tem que trabalhar, de modo a que sem que haja perda de informação, se consiga detectar a interdependência entre as variáveis, tal como existe no conjunto inicial de variáveis analisadas<sup>60</sup>.

- a análise da correlação parcial: a utilização do coeficiente de correlação parcial, constitui também um dos métodos mais utilizados para se efectuar a análise multivariada. Trata-se de um coeficiente que nos permite verificar a associação entre duas variáveis, mantendo uma terceira constante, de forma a determinar o tipo de relacionamento que, supostamente, interfere no comportamento das três variáveis em causa. No fundo, pretende-se determinar o efeito e tipo de influência da terceira variável considerada (variável-teste), numa relação inicialmente observada entre duas variáveis<sup>61</sup>.

- a regressão múltipla: constitui um outro método largamente utilizado para se fazer análise multivariada, sobretudo no caso de se estar a estudar as relações entre mais do que três variáveis (independentes). Este tipo de análise, permite-nos principalmente determinar o peso relativo das variáveis independentes em relação à variável dependente. Ou seja, o objectivo da sua utilização é o de se prever, e detectar, as mudanças operadas na variável dependente como resposta à influência das variáveis independentes. É uma

---

<sup>58</sup> Cf. Alan Bryman; Duncan Cramer, *O. c.*, p. 322.

<sup>59</sup> Cf. Henrique Garcia Pereira, *O. c.*, p. 739.

<sup>60</sup> Sobre a utilização da análise factorial no SPSS ver Alan Bryman ; Duncan Cramer, *O. c.*, pp. 325 - 335.

<sup>61</sup> Sobre a análise da correlação parcial e sua aplicação consultar por exemplo, Alan Bryman; Duncan Cramer, *O. c.*, pp. 290 - 295; Joseph F. Hair Jr.; Rolph E. Anderson; Ronald L. Tatham, *O. c.*, pp. 4 - 6.

análise que pode ser utilizada complementarmente à análise factorial, permitindo, neste caso, verificar se a redução do número de variáveis aumenta o poder explicativo da análise. O *SPSS* possui uma diversidade de opções para o cálculo da regressão múltipla. Trata-se de um cálculo complexo, pelo que a sua aplicação exige um certo grau de conhecimentos de estatística<sup>62</sup>.

Outros métodos de análise poderiam ser referidos no âmbito da análise multivariada; no entanto, apenas demos a conhecer, muito sucintamente, os mais frequentemente utilizados no tratamento informático dos questionários. Saliente-se ainda que, para a compreensão e aplicação de todos os métodos de tratamento e análise estatística dos dados supracitados, são fundamentais conhecimentos de estatística muito elaborados, pelo que se aproveita nesta aula para lembrar a importância dos conhecimentos leccionados no âmbito da disciplina de Estatística para as Ciências Sociais, sem os quais a compreensão do que se afirmou, a propósito da análise de dados, se torna impossível. Por outro lado, a complexidade dos métodos e testes estatísticos a que se fez referência, exige o recurso à consulta e estudo de obras fundamentais, como as que foram, por exemplo, citadas ao longo desta exposição. Finalmente, com este ponto dedicado ao tratamento informático dos dados do questionário, apenas quisemos levantar o véu a um domínio que, apesar de complexo, e de exigir conhecimentos estatísticos apurados, tem que passar a ser comum para o sociólogo, sob pena deste perder o ritmo de evolução dos meios cada vez mais sofisticados de análise de dados, que estão ao se dispôr.

---

<sup>62</sup> *Idem*, p. 315; *Idem*, pp. 17 - 69.

### 3.2.5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

É chegado o momento de se redigir o relatório do inquérito. Finalmente, o investigador vai dar a conhecer os resultados e as conclusões principais a que chegou, abordando o essencial dos resultados analisados e apresentados na fase precedente (com a ajuda de quadros e gráficos adequados). Neste relatório, deve-se retomar as hipóteses de pesquisa e proceder à sua demonstração final, sem no entanto deixar de ser claro, conciso, mas acima de tudo completo.

Apresentados os diversos momentos e operações básicas à conceptualização, construção e execução de um inquérito por questionário, não queremos deixar de salientar, mais uma vez, que todos eles se encontram inter-relacionados, de tal forma que se as primeiras decisões e orientações da pesquisa condicionam as fases posteriores, estas por seu turno, têm uma importância crucial na qualidade da informação recolhida. Daí que, apesar de não ser possível um controlo total e absoluto de todas as condições e factores que intervêm na situação do inquérito, não obstante o investigador deve desenvolver todos os esforços no sentido daquele ser o mais rigoroso possível. Só assim, se poderá evitar certos desvios e enviesamentos que podem comprometer a validade dos resultados.

## **4. A ESTRUTURA DA AULA PRÁTICA**

A estruturação da aula prática desenvolve-se à volta de uma situação em que se solicita aos alunos da disciplina de Metodologia e Técnicas de Investigação, que participem numa situação real de inquirição com vista a observar-se de que modo a forma das questões e das categorias de resposta possíveis, condicionam e influenciam as respostas obtidas, bem como alguns enviesamentos decorrentes dos diversos sistemas de atribuição de sentido, accionados pelos inquiridos na situação social do inquérito por questionário. A situação prática realizar-se-á em três fases, nomeadamente a fase de apresentação e planificação, a fase de execução e administração das questões, e a fase da análise e discussão dos resultados obtidos.

### **4.1. FASE DE APRESENTAÇÃO E PLANIFICAÇÃO**

Esta primeira fase, inicia-se imediatamente após a apresentação teórica do inquérito por questionário. Nela, levar-se-ão a cabo várias tarefas, a primeira das quais consiste em organizar a turma em dois grupos. Um desses grupos servirá de grupo-teste, ou seja, constituirá a amostra à qual serão administradas as questões formuladas. Os alunos que farão parte desta amostra, deverão ser seleccionados segundo um procedimento aleatório simples, de modo a que todos eles tenham idêntica probabilidade de virem a serem incluídos na amostra. Neste caso, sugere-se que todos os elementos da turma sejam identificados por um número, e por tiragem à sorte se seleccione cerca de 40 alunos, partindo-se do princípio de que a turma será constituída por cerca de 50 alunos na sua totalidade. Estes 40 alunos serão ainda alvo de uma nova divisão, dando-se a constituição de cinco sub-grupos, aos quais serão administradas as mesmas questões só que apresentadas com uma forma e possibilidade de resposta diferentes. O outro grupo, administrará as questões formuladas. No entanto, a classificação, tratamento, análise e discussão dos resultados alcançados será realizada pela turma, na sua totalidade.

Após a definição da amostra a utilizar, e a constituição dos referidos sub-grupos, segue-se a preparação das questões a serem administradas. Para

um melhor aproveitamento do tempo disponível da aula, será proposto um tema sobre o qual poderão incidir as questões. Este mesmo tema será questionado de diferentes formas, ou seja, será colocado sob a forma de uma questão fechada, apresentando-se as alternativas de resposta Sim/Não; Verdadeiro/Falso; Concordo/Discordo, a par das rubricas suplementares "Não Sei" e "Sem Opinião", e sob a forma semi-fechada, semi-aberta ou de cafeteria, isto é, de escolha múltipla. A forma aberta não será aqui testada, devido ao facto do seu tratamento exigir mais tempo do que o disponível numa aula. De qualquer modo, a possibilidade de o inquirido dar outras respostas da sua autoria, para além das previstas, através da questão de cafeteria, permite-nos até certo ponto testar aquela dimensão, isto é, a forma semi-aberta de uma questão, e de que modo esta nos dá a possibilidade de captar uma certa diferenciação das respostas obtidas. As rubricas suplementares do género "Não Sei" e "Sem Opinião", são apresentadas de uma forma explícita, de modo a observar-se qual a percentagem da sua utilização, e até que ponto elas são usadas como forma de fugir à questão ou como sinónimo de ausência de reflexão. A alternativa "Recusa Responder", não é contemplada pelo facto de se partir do princípio, de que os alunos estão suficientemente motivados para a situação do inquirido por questionário.

Quanto ao tema a apresentar, pretendeu-se que ele não fosse um tema muito familiar dos alunos, isto é, um tema que não fosse alvo de grande reflexão por parte dos alunos, sobretudo nesta fase das suas vidas. E, isto, para que se obtivesse o máximo de espontaneidade nas suas respostas. Adaptando-se um exemplo citado por Claude Javeau<sup>63</sup>, o tema proposto diz respeito à "obrigatoriedade de um seguro de vida". Apesar de se apresentar as questões, previamente formuladas, não obstante elas deverão ser alvo de apreciação, análise e reformulação por parte da turma, de modo a torná-las mais completas e eficazes para o que se pretende testar. As questões a apresentar aos alunos encontram-se no Anexo II.

Assim, o sentido subjacente a este exercício organiza-se à volta dos seguintes objectivos:

- verificar até que ponto uma amostra constituída por elementos que possuem algumas características em comum (como por exemplo, idade, nível de instrução, frequência do mesmo curso e turma), pode produzir diferentes respostas às mesmas questões, só que apresentadas com uma forma e tipo de respostas possíveis diferentes;

---

<sup>63</sup> Claude Javeau, *O. c.*, pp. 111 - 112.

- verificar se entre as respostas previamente definidas (questões de escolha múltipla), existe alguma que possa parecer mais lógica ao inquirido, levando-o a optar por esta;

- mostrar a percentagem de inquiridos que respondem preferencialmente Sim (a Não), que exprimem mais o seu acordo, a sua aprovação do que o seu desacordo;

- mostrar que apresentar uma questão de forma dicotomizada (como por exemplo, Verdadeiro/Falso, Concordo/Discordo), é correr o risco de se opôr/apresentar as posições extremas, nas quais nem sempre os inquiridos se reconhecem;

- mostrar que apresentar uma lista de respostas possíveis (questões de escolha múltipla) nem sempre assegura a sua exaustividade;

- observar o eventual efeito de sugestão que o tipo de questões utilizadas, sobretudo as de escolha múltipla, pode ter no inquirido, levando-o a uma certa acomodação intelectual que o faz optar pelas respostas vistas como as mais "convenientes";

- observar a percentagem de respostas "Não Sei" e "Sem Opinião", e verificar até que ponto elas são utilizadas como fuga à resposta, ou ainda como ausência de reflexão, e se o facto de elas serem apresentadas explicitamente faz com que a sua frequência aumente. Constatar ainda, se este tipo de respostas são mais frequentes na forma fechada ou semi-fechada/semi-aberta ou de cafeteria;

Em síntese, trata-se de observar a influência da maneira de formular as questões sobre a distribuição diferencial das respostas obtidas, ou seja, de detectar os efeitos possíveis da forma de interrogação sobre as pessoas inquiridas. É evidente, e tal como ficou demonstrado na fase de apresentação teórica do inquérito por questionário, que existem vários factores (como por exemplo, idade, sexo, classe social, profissão, estado civil, nível de instrução, lugares de administração do inquérito, qualidade dos contactos, influência do entrevistador, objectivos do inquirido, forma da questão e respectivas respostas possíveis, lugar da questão no questionário e sua posição relativamente às outras, etc.) que exercem influência sobre as respostas dos

inquiridos; mas, com este exercício, apenas pretendemos mostrar que, a partir das mesmas questões, se pode obter variações importantes na distribuição das respostas, e isto em função do método de inquirição utilizado.

## **4.2. FASE DE EXECUÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DAS QUESTÕES**

Após esta fase de preparação, segue-se a fase de administração das questões aos alunos seleccionados, ou seja, a fase de execução do exercício propriamente dito. Como já foi referido, os 40 alunos que farão parte da nossa amostra serão subdivididos em cinco grupos de forma a que cada grupo responda apenas a uma questão. O grupo de 10 alunos que não faz parte da amostra, organizar-se-á de modo a constituírem sub-grupos de dois alunos. A estes grupos de dois alunos, será distribuída uma questão que terão que administrar a um determinado sub-grupo da amostra seleccionada.

Obtidas as respostas, passar-se-á à sua classificação e tratamento, com vista a procedermos a uma sua análise comparativa, e a detectarmos o diferencial de respostas alcançadas, em função das mesmas terem sido colocadas de forma fechada, semi-fechada/semi-aberta ou de cafeteria, e ainda de modo a verificarmos a percentagem de respostas do tipo "Não Sei" e "Sem Opinião". Saliente-se que, a classificação das questões deve ser feita por toda a turma, que se reorganizará em novos grupos de trabalho (no máximo cinco).

### **4.3. FASE DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A fase de análise e discussão dos resultados obtidos, decorrerá na aula seguinte. Nesta fase é exigido a cada grupo de trabalho um relatório no qual, de uma forma muito sucinta e clara, darão a conhecer o essencial dos resultados obtidos para cada questão analisada. Trata-se aqui, de promover a reflexão sobre os resultados alcançados, exigindo-se aos alunos a sua articulação com os conhecimentos adquiridos sobre as virtualidades /limitações do tipo de questões utilizadas, sobre os principais enviesamentos e deformações involuntárias de que podem ser alvo, bem como sobre o problema da atribuição de sentido, e significações distintas, por parte dos inquiridos, quando das suas respostas. Esta, é também a fase em que o professor deve acrescentar algumas explicações teóricas suplementares aos resultados diferenciais obtidos, retomando, para o efeito, o essencial do que foi dito na apresentação teórica do inquérito por questionário, e em particular na fase relativa à "Preparação do Instrumento de Recolha de Dados: A Construção do Questionário".

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de; Pinto, José Madureira, *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença, 1990.

ALMEIDA, João Ferreira de; Pinto, José Madureira, "Da Teoria à Investigação Empírica. Problemas Metodológicos Gerais", in *Metodologia das Ciências Sociais*, Augusto S. Silva, José Madureira Pinto (orgs.), Porto, Edições Afrontamento, Cap. II, 1986.

BOUDON, Raymond, *Os Métodos em Sociologia*, Lisboa, Edições Rolim.

BRAVO, Sierra, *Técnicas de Investigación Social - Teoría y Ejercicios*, Madrid, Ed. Paraninfo, 1985.

BRYMAN, Alan; Cramer, Duncan, *Análise de Dados em Ciências Sociais - Introdução às Técnicas utilizando o SPSS*, Oeiras, Celta Editora, 1992.

FERRANDO, Manuel García, *Sobre el Metodo - Problemas de Investigación Empírica en Sociología*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, Ed. Maribel, A. G., 1979.

FERREIRA, Paulo Antunes, "Valores dos Jovens Portugueses nos Anos 80", in *Estudos de Juventude*, Nº 3, Cadernos do Instituto de Ciências Sociais, Fevereiro de 1993.

FERREIRA, Virgínia, "O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos", in *Metodologia das Ciências Sociais*, Augusto S. Silva, José Madureira Pinto (orgs.), Porto, Edições Afrontamento, Cap. VII, 1986.

GHIGLIONE, Rodolphe; Matalon, Benjamin, *O Inquérito - Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1992.

GOODE, J. William; Hatt, Paul K., *Métodos em Pesquisa Social*, São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 7ª Edição, 1979.

GRÉMY, Jean-Paul, "Les expériences françaises sur la formulation des questions d'enquête. Resultats d'un premier inventaire", in *Revue Française de Sociologie*, XXVIII - 4, Paris, Éditions du CNRS, Octobre-Décembre 1987, pp. 567 - 599.

JAVEAU, Claude, *L'Enquête par Questionnaire - Manuel à l'usage du praticien*, Paris, Éditions de L'Université de Bruxelles - Les Éditions d'Organisation, 3e. édition, 1988.

JR., Joseph F. Hair; Anderson, Rolph E.; Tatham, Ronald L., *Multivariate Data Analysis With Readings*, New York, Macmillan Publishing Company, Second Edition.

JUAN, Salvador, "L'ouvert et le fermé dans la pratique du questionnaire", in *Revue Française de Sociologie*, XXVII - 2, Paris, Éditions du CNRS, Avril-Juin 1986, pp. 301 - 316.

KETELE, Jean-Marie de; Roegier, Xavier, *Méthodologie du recueil d'informations*, De Boeck Université.

LECLERC, Gérard, *L'Observation de L'Homme - Une Histoire des Enquêtes Sociales*, Paris, Éditions du Seuil, 1979.

LIMA, Marinús Pires de, *Inquérito Sociológico - Problemas de Metodologia*, Lisboa, Editorial Presença, 1981.

LIMA, Pedro; Dores, A. Pedro; Costa, A. Firmino da, "Classificações de Profissões nos Censos 91", in *Sociologia - Problemas e Práticas*, Nº 10, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - ISCTE, 1991, pp. 43 - 66.

MANN, H. Peter, *Métodos de Investigação Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 5ª Edição, 1983.

PEREIRA, Henrique Garcia, "Tratamento informático de questionários: o ponto de vista da análise factorial das correspondências", in *Análise Social*, Nº 98, 1987, pp. 733 - 746.

PINTO, José Madureira, "Questões de Metodologia Sociológica (I), (II),(III)", in *Cadernos de Ciências Sociais*, Nº 1, 2 e 3, Porto, Edições Afrontamento.

QUEIRÓS, Maria Cidália, "O Problema da Medida em Ciências Sociais", in *Cadernos de Ciências Sociais*, Nº 10/11, Porto, Edições Afrontamento, 1991, pp. 65 - 100.

QUIVY, Raymond; Campenhoudt, Luc Van, *Manuel de Recherche en Sciences Sociales*, Paris, Dunod, 1988.

REIS, Elizabeth, *Análise factorial das componentes principais: um método de reduzir sem perder informação*, Giesta, ISCTE, 2ª Edição, 1993.

REIS, Elizabeth, *Análise de Clusters: um método de classificação sem preconceitos*, Giesta, ISCTE, 2ª Edição, 1993.

## ANEXO I

**QUADRO Nº 1 - COMUNICAÇÕES APRESENTADAS NO II  
CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA QUE  
RECORRERAM AO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO**

Comunicações por Grupos de Trabalho			Comunicações que recorreram ao inquérito por questionário	
Grupos de trabalho	n	%	n	%
Grupo I	7	6,0	2	5,9
Grupo II	25	21,6	8	23,5
Grupo III	6	5,2	3	8,8
Grupo IV	16	13,4	6	17,6
Grupo V	12	10,3	0	0,0
Grupo VI	27	23,3	10	29,4
Grupo VII	12	10,3	3	8,8
Grupo VIII	11	9,5	2	5,9
TOTAL	116	100,0	34	100,0

**LEGENDA:**

Grupo de Trabalho I - Internacionalização das Trocas, Mediatização da Sociedade, Novas Formas Discursivas

Grupo de Trabalho II - Educação e Trabalho: Contradições e Alternativas Organizacionais

Grupo de Trabalho III - Estado e Sociedade: Instituições, Políticas e Práticas

Grupo de Trabalho IV - Recomposição Sócio-Espacial e Dinâmicas Regionais e Locais

Grupo de Trabalho V - A Dinâmica dos Saberes: Ciência, Tecnologia e Outras Formas Culturais

Grupo de Trabalho VI - Mudança Social: Novos Valores, Modos de Vida, Identidades

Grupo de Trabalho VII - Teorias, Metodologias, Epistemologias

Grupo de Trabalho VIII - Políticas, Cidadania e Exclusão Social

## INQUÉRITOS REALIZADOS NA DÉCADA DE 80 SOBRE A JUVENTUDE

- *Inquérito Nacional à Juventude*, realizado pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ), em 1982 (INQ. FAOJ);

- *Inquérito "Valores e Atitudes dos Jovens"*, realizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), em 1983 (INQ. IED);

- *Inquérito "A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações"*, realizado em 1986-1987 pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) (INQ. ICS), com o apoio do Instituto da Juventude;

- *Inquérito do "Observatório Permanente sobre os Estudantes Universitários" (OPEU)*, iniciado em 1985 no quadro do ICS e do CIES/ISCTE (INQ. OPEU);

- *Inquérito a Jovens Universitários Sobre "Conflito de Gerações, Conflito de Valores"*, realizado em 1986, patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian e da responsabilidade de Eurico de Figueiredo.

## ANEXO II

### EXERCÍCIO PRÁTICO

1. Pensa que o seguro de vida deveria ser obrigatório?

. Sim

. Não

. Não Sei

. Sem Opinião

2. O seguro de vida é obrigatório.

. Verdadeiro

. Falso

. Não Sei

. Sem Opinião

3. Qual é a sua opinião acerca da obrigatoriedade de um seguro de vida?

. Concordo

. Discordo

4. Qual é a sua posição acerca da obrigatoriedade de um seguro de vida?

. Concordo

. Concordo Relativamente

. Discordo Relativamente

. Discordo

5. Perante as seguintes afirmações indique aquela com a qual está mais de acordo.

.O seguro de vida deveria ser obrigatório

.O seguro de vida deveria ser opcional

.O seguro de vida é indispensável e dá uma maior segurança e tranquilidade a quem o possui

.O seguro de vida é perfeitamente dispensável

.Não Sei

.Sem Opinião

.Outra

Qual? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ANEXO III

### PROGRAMA DE METODOLOGIA E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

# METODOLOGIA E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

Docente: Dr<sup>a</sup> Maria Isabel Correia Dias

1. Questões fundamentais de Epistemologia e Metodologia sociológicas (revisão e aprofundamento de algumas questões, tendo especialmente em conta a crítica das correntes fenomenologistas à tradição positivista das Ciências Sociais).

2. A elaboração de um programa de pesquisa empírica.

2.1. O papel da teoria no processo de pesquisa empírica.

2.2. Os meios de trabalho teórico e as fases de pesquisa.

2.3. Os métodos de pesquisa empírica e as técnicas de recolha e análise de informação - descrição e proposta de classificação.

3. Os conceitos e sua operacionalização.

3.1. Problemas da construção de variáveis, da medida e da lógica das relações entre variáveis.

3.2. Causalidade e explicação em Sociologia.

4. Metodologia da análise extensiva.

4.1. Técnicas de construção de amostras representativas de uma população.

4.2. Técnicas de inquérito.

4.2.1. O Inquérito por Questionário: problemas de planeamento, de elaboração e aplicação do questionário, e de análise dos dados recolhidos.

4.2.2. Testes e medidas de atitudes e opiniões.

4.2.3. As Entrevistas: tipologia segundo os objectivos e a técnica de execução.

5. Análise de documentos: análise documental clássica e análise de conteúdo.

6. Metodologia dos estudos de caso.
  - 6.1. Monografia e estudo de comunidades: dos procedimentos clássicos à sua crítica e reconversão.
  - 6.2. Observação sistemática e observação participante.
  - 6.3. Reflexão sobre as virtualidades e limitações do trabalho sociológico no terreno.
  - 6.4. Abordagem biográfica: histórias de vida e genealogias.
  
7. Pesquisa orientada para a intervenção: a investigação-acção.
  
8. Experimentação: a extensão do método das Ciências Naturais às Ciências Humanas.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA DE METODOLOGIA E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

ALMEIDA, João Ferreira de; Pinto, José Madureira, *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença, 1982.

BARDIN, Laurence, *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 1979.

BLALOCK, Hubert, *Introducción a la Investigación Social*, Buenos Aires, Amarratov, 1970.

BULMER, Martin (ed.), *Sociological Research Methods - an introduction*, Londres, Mcmillan.

FERRANDO, Manuel García, *Introducción a la Sociestadística*, Madrid, Alianza.

FERRANDO, Manuel García, *Sobre el Metodo - Problemas de Investigación Empírica en Sociología*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociologicas, Ed. Maribel, A. G., 1979.

GHIGLIONE, Rodolphe; Matalon, Benjamim, *O Inquérito - Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1992.

GOODE, J. William; Hatt, Paul K., *Métodos em Pesquisa Social*, São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 7ª Edição, 1979.

GRAWITZ, Madeleine, *Méthodes des Sciences Sociales*, Paris, Dalloz, 1964.

JAVEAU, Claude, *L'Enquête par Questionnaire - Manuel à l'usage du praticien*, Paris, Éditions de L'Université de Bruxelles - Les Éditions d'Organisation, 3e. édition, 1988.

KETELE, Jean-Marie de; Roegier, Xavier, *Méthodologie du recueil d'informations*, De Boeck Université.

LIMA, Marinús Pires de, *Inquérito Sociológico - Problemas de Metodologia*, Lisboa, Editorial Presença, 1981.

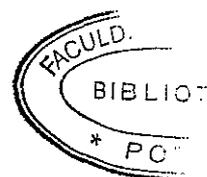
MANN, H. Peter, *Métodos de Investigação Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 5ª Edição, 1983.

MILLS, C. Wright, *A Imaginação Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1980.

PINTO, José Madureira, *Questões de Metodologia Sociológica (I), (II), (III)*, in *Cadernos de Ciências Sociais*, Nº 1, 2, 3, Porto, Edições Afrontamento.

QUIVY, Raymond; Campenhoudt, Luc Van, *Manuel de Recherche en Sciences Sociales*, Paris, Dunod, 1988.

SILVA, Augusto Santos; Pinto, José Madureira (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 1986.





## ERRATA

<b>Pág.</b>	<b>linha</b>	<b>onde se lê</b>	<b>deve ler-se</b>
62	7	<i>Questões de Metodologia Sociológica (I), (II), (III)</i>	"Questões de Metodologia Sociológica (I), (II), (III)"